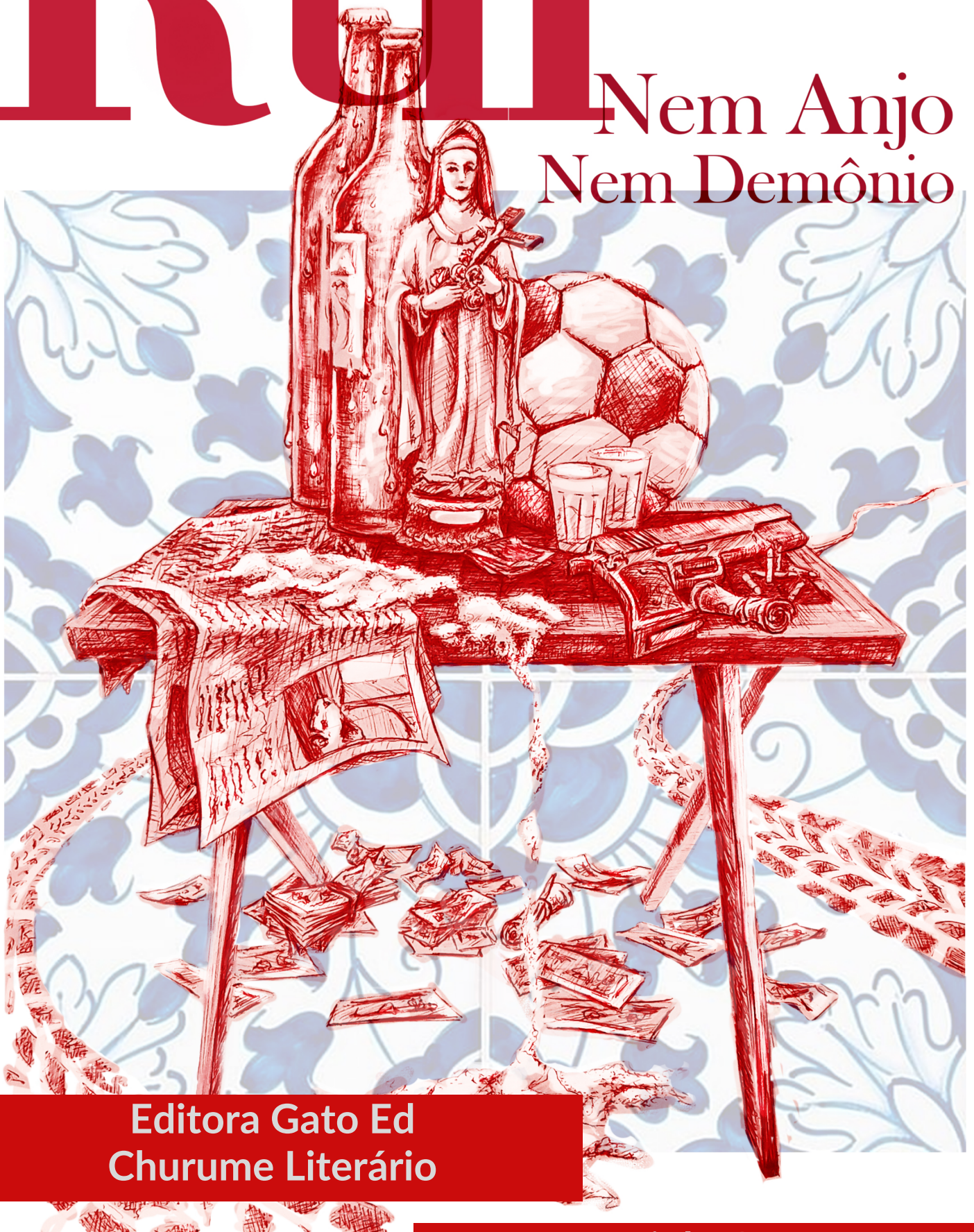


Ruli

Nem Anjo
Nem Demônio

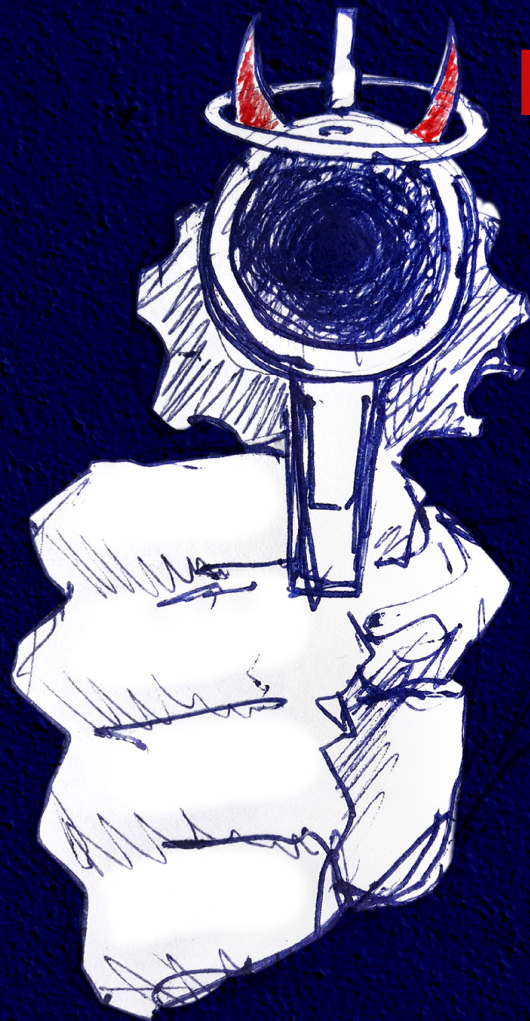


Editora Gato Ed
Churume Literário

Rui do Carmo

Ruli

Nem Anjo
Nem Demônio



Rui do Carmo

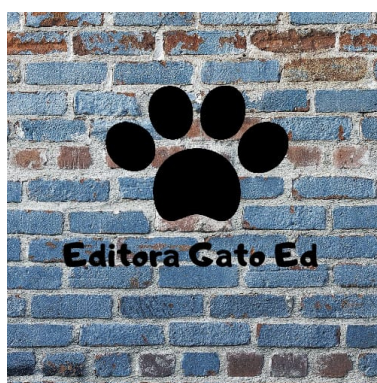
Poderia, aqui, apresentar-lhes o exuberante portfólio do autor, mas vou-me ater a Rui do Carmo como uma fonte inesgotável de criação, a um amigo em que a poesia habita condescendente, e ao seu processo criativo que emana absurdamente natural.

Rui do Carmo, em suas epifanias, transcorre entre o real e o imaginário, entre um regionalismo quase bairrista a uma linguagem universal de comunicação urgente, em que aborda temáticas sociais e sentimentos em odes poéticas infindáveis.

É necessário considerar que, a verve literária deste renomado autor, é inquestionavelmente arrebatadora, pelo o que toma o leitor a uma espiral inconsciente e hipnótica ao descortinar a sua obra.

Bebamos desta fonte!

Donato Sarmiento



Rui do Carmo

Ruli
Nem Anjo. Nem Demônio
Somente um Tira

1ª Edição

Editora Gato Ed
Belém-Pará
2023

Capa: @igordiniz_di"!!!
Diagramação: Leila Leite
Edição: Leila Leite
Texto: Rui do Carmo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial

C287 Carmo, Rui do.

Ruli : nem anjo : nem demônio : somente um tira
[recurso eletrônico] / Rui do Carmo. — 1. ed. — Belém :
Gato Ed, 2023.

Dados eletrônicos (pdf).

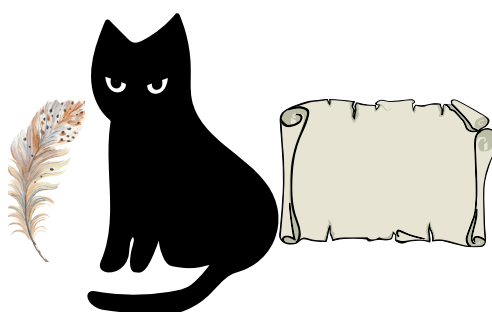
ISBN 978-65-6036-052-5

1. Romance brasileiro. 2. Literatura brasileira.
3. Ficção brasileira. I. Título.

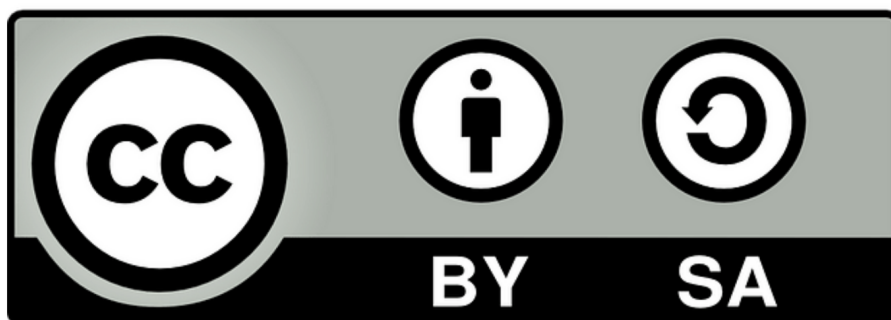
CDD23: B869.03

Bibliotecária: Priscila Pena Machado - CRB-7/6971

Este livro é disponibilizado de forma gratuita em seu formato e-book no site da Editora Gato Ed.



E-BOOK GRATUITO





APOIO

**Apoie o trabalho da Editora e do
Instituto Gato Ed**

Faça uma doação de qualquer valor

Pix: leilaleiteferreira@gmail.com

Prefácio

Neste instigante romance com referência policial, será possível encontrar um personagem principal: Ruli, que de um todo humanizado - poderia ser um amigo, um vizinho, ou um parente próximo - salta da ficção para a realidade, e em um convite irrecusável, leva o leitor a compartilhar e acompanhar seus dramas pessoais, suas dúvidas existenciais, suas fraquezas morais, e tudo mais o que é permitido a um ser humano.

Em outra dimensão, esta obra apresenta narrativas em que aborda o cotidiano simples e as relações de pessoas comuns dentro de suas casas, nas ruas ou em seus trabalhos, articulando e enriquecendo ainda mais o universo de Ruli, e pelo que representa para si o passado e o momento presente.

Ambientada no município de Belém (Pará), o autor utiliza magistralmente a comunicação verbal e não verbal local para os diálogos; enfatiza os costumes regionais como forma de valorização e pertencimento; e adapta os cenários da cidade para materializar impecavelmente a ficção.

É por meio de Ruli que, observa-se um processo de quebra de paradigma pessoal, que refletem diretamente na ética e na moral social, levando o personagem a percorrer novos caminhos diante da conquista dessas mudanças.

Ademais, Ruli é uma proposta irresistível e prosaica às descobertas idílicas do “eu”, como ser social e irrestritamente humano.

Marta Sarmiento

Parte 1

Ruli na Academia de Polícia





Manhã de Segunda-feira do ano de 1980, as embarcações que atravessam a Baía do Gujará, em cujas margens fica a cidade de Belém, já despontam no horizonte. Ruli, um jovem de 22 anos de idade, solteiro, moreno, um metro e setenta e cinco de altura, corpo atlético, olhos e cabelos negros, de longe avistava o Porto do Sal.

A manhã, preguiçosamente, se manifesta - ainda é intenso o nevoeiro - ele de vista perdida no horizonte, cheio de pensamentos conflitantes, indaga-se. “E agora! Que rumo vou tomar em minha vida?”, pedira demissão da empresa em que trabalhava como topógrafo. Estava cansado da vida de topógrafo e dos longos períodos enfiado no meio do mato, sem ver uma mulher para namorar, para curtir, mesmo que lhe fosse custar os olhos da cara, o pagamento de alguns parcimoniosos carinhos.

O sonho sobre a profissão havia acabado. Ele relembra os eloquentes discursos do Ananias, o chefe do escritório, que, empolgadamente, falava aos novatos a respeito da brilhante profissão que acabavam de abraçar: “... Vocês são privilegiados, pois andarão por caminhos nunca antes pisados pela humanidade. Sempre serão pioneiros dos grandes passos, que marcarão o início do progresso em qualquer região de nosso Estado, País ou qualquer lugar do mundo, onde tenham que exercer esta brilhante profissão...” Ele esquecera de alertar que teriam de enfrentar piúms, mosquitos, cobras venenosas, onças, índios revoltados com a invasão de suas terras etc., como também, que iriam dormir nos lugares mais inóspitos do mundo, fugir de abelhas africanas e passariam longos períodos sem saber o que é o carinho de uma mulher. E, além disso, muitos não voltariam aos seus lares.



Logo Ruli, que na adolescência havia sido ídolo em seu bairro, pivô titular absoluto do time de futebol de salão do São Domingo Sport Club, filho de influente família do bairro. Havia namorado as mais belas jovens de sua redondeza, não havia como continuar naquela vida de ostracismo. Os motivos que o levaram a trilhar tal caminho foram os mais diversos possíveis, entre eles, a turbulenta adolescência de um rebelde sem causa. Uma vida de homéricas farras não o deixava estudar o suficiente para passar no vestibular de uma universidade pública. Foi ficando para trás diante dos melhores amigos. Um dia tomou aquela atitude de rapaz problemático e saiu a esmo atrás de um emprego para trabalhar, trilhar seu próprio caminho, sair de casa, essas coisas que só aos rebeldes sem causas são permitidas, deixando o amparo e o aconchego de seu lar para dar murros em ponta de faca. Como já dizia um antigo mestre. “A juventude é a idade de se fazer coisas erradas para depois se arrepender”. Ele havia deixado os arroubos da juventude levá-lo instintivamente, agora, após cinco anos aprendendo na vida, retornar à casa paterna.

O barco ancora. Ele pega sua mochila, põe nas costas, e chama um táxi, ainda tem algum dinheiro da indenização que recebera por três anos de trabalho. Vai apreciando as ruas, as casas, verificando as modificações que ocorreram no período em que esteve ausente de sua cidade. Esteve fora por um período de 5 anos. Durante dois deles, andou perambulando em casas de amigos e sobrevivendo de trabalhos informais; por três, trabalhando duro com carteira assinada em uma pequena, porém muito organizada, empresa de topografia. Aprendeu muito nestes cinco anos, mas ainda com seus vinte e dois anos era inexperiente, arrogante e imaturo, coisa da juventude.



Dos antigos amigos, poucos reencontrou, a maioria já casada. Alguns haviam mudado de endereço, outros já estavam cursando faculdade. Na rua havia novos moradores, as antigas casas de cobertura de palha já não existiam mais, a escola de samba do bairro havia caído nas mãos dos bicheiros, havia um clima de “eu posso”, “eu mando”, “eu mato” coisa medonha, a rua de chão batido agora estava asfaltada.

O táxi chegou à porta da antiga casa. Ele desceu e apertou a campainha. Sua mãe veio abrir, quando o enxergou deu um sorriso de felicidade e o abraçou em lágrimas:

- Meu filho! Quanta saudade!
- Oh! mãe, eu estou voltando para ficar.
- Vem, entra, já tomaste café?
- Ainda não, acabo de chegar.
- Então sobe ao teu quarto, ele está lá a tua espera e guarda as tuas coisas enquanto eu preparo um bom café pra ti.
- E o pai onde ele está?
- Ah! ele já foi trabalhar, mas vai morrer de felicidade de ver que estás de volta.



Sua mãe chamava-se Leda, um metro e sessenta de altura, olhos castanhos, devota de Santa Terezinha, santa a qual fez inúmeras promessas para que o filho pródigo voltasse à casa são e salvo. Aquele momento, para ela, era a realização de um milagre, sabia que, apesar do gênio forte do filho, ele era uma pessoa de coração bom, só estava meio desorientado, mas agora quem sabe não pegaria gosto pelos estudos e realizaria o grande sonho de seu pai, que era o de ter um filho advogado.

Ele sobe as escadas de sua casa, com aquela sensação de que nada mais ali lhe pertence, abre a porta do quarto e encontra seu irmão mais novo ainda dormindo, tenta não fazer barulho para não acordá-lo. Ele tem o sono pesado e continua dormindo. Seu irmão é um jovem de 18 anos que está prestando exame para o vestibular. É o caçula da família de seis irmãos, seu nome é Aristeu. Todos os outros irmãos já são universitários: e a mais velha já é formada, só ele e seu irmão mais novo ainda não haviam ingressado no ensino superior. Porém, estudo era uma coisa em que ele ainda não pretendia pensar, pois sua pretensão, no momento, era encontrar um emprego para não ser mais um fardo para o pai. O pai, seu Luis Euclides, era uma pessoa de pouca instrução, mas de uma inteligência fora do comum. Apaixonado pelo partido comunista, em sua mocidade foi líder sindical. Com a ditadura militar teve seus direitos políticos cassados e sofrera a condenação de ser “morto para a Nação”. Esta foi sua pena por ser tesoureiro do sindicato dos petroleiros na época da revolução. Ele e seus companheiros foram perseguidos implacavelmente pelo coronel Passeriforme. Devido a esta condição, imposta pela ditadura militar, sua esposa recebia uma pensão de viúva no valor de um salário-mínimo.



Ele não podia ter ou exercer nenhum direito de cidadão. Sua família foi por muito tempo monitorada, amargando todo tipo de discriminação. Conseguiu um emprego de gerente de loja no comércio de Belém clandestinamente - pois não podia ter documento nenhum que não fosse o atestado de óbito dado pelo regime militar - sem amparo legal de uma carteira profissional assinada trabalhou na clandestinidade.

Devido às amizades que cultivou por onde trabalhou em sua juventude, neste período de grandes turbulências em sua vida, conseguiu encontrar amparo, inclusive o de Nícolas, um comerciante de origem grega que estava fazendo fortuna em Belém. Quando ele exercia o comércio informal da marretagem, e o contrabando na feira do Ver-o-Peso, trabalhou longos anos junto com o grego, vendendo artigos na feira e no interior do Estado e transportando whisky importado aos navios da Petrobrás. Esta parceria fortaleceu um grande laço de amizade entre os dois, onde o gringo ficava cada vez mais rico, e quando Luis Euclides teve seus direitos políticos e de vida cassados, Nícolas não se intimidou com as ameaças do regime - a quem dava guarida a pessoas cassadas politicamente - e empregou seu amigo que no passado o fez ganhar muito dinheiro. Com a promessa de que, enquanto durasse aquela situação política ele poderia ficar tranquilo trabalhando em seu estabelecimento.



Durante dois anos, Ruli tentou encontrar emprego como topógrafo na cidade, mas logo descobriu que lugar da topografia era no mato. As vagas na cidade estavam ocupadas por pessoas que tinham indicações de fortes políticos e isso era naturalmente impossível para o filho de um cassado. O jeito então foi “se virar nos trinta”. Pegava carros para revender de uma loja de veículos usados, da qual o dono era Dariberg, um velho amigo da família, e ia vendê-los na porta de sua casa aos finais de semana. Esta técnica de venda visava quebrar aquele gelo das pessoas que estão com dinheiro nas mãos e acham que encontrarão melhor oferta para comprar com o proprietário de um veículo e não uma revendedora, ou pessoa que por algum motivo estava se desfazendo de seu automóvel. Esta tática dava muito certo. Por dois anos trabalhou com Dariberg com tamanha eficiência que passou a revender veículos dentro da própria loja do amigo, chegando ao cargo de gerente de venda. Um dia estava ele sentado na revendedora, verificando o caderno de compra e venda de veículos quando se deparou com um anúncio no jornal informando a abertura de inscrições para o concurso público da Polícia Civil, para cargos de delegado de carreira e de investigador de polícia. Era uma chance de emprego, poderia fazer o concurso, porém receava ser eliminado quando fossem investigar sua vida, pois logo iriam descobrir que ele era filho de cassado e estaria fora, por isso, não conseguiria o cargo.



Na rua em que morava havia quatro amigos seus que eram investigadores de polícia, um deles de nome Romero, grande amigo de infância. Andava bem vestido e sempre tinha dinheiro no bolso para gastar. Os bandidos do bairro o temiam, pois era considerado “linha de frente”. Havia o Walter, rapaz que era considerado por todos muito inteligente, havia passado no vestibular para engenharia, filho de boa família, seu pai gozava de uma situação financeira razoável, mas não se sabe por que havia abandonado a faculdade de um futuro promissor e ingressado na polícia para receber um salário mínimo. Pertencia ao esquadrão de elite da corporação. O Joelsom era o vizinho - o mais antigo de todos- que pouco falava, porém, não era bom brincar com ele, havia comentários que muitos bandidos da pesada haviam tombado diante de seu trinta e oito. O Bobi Nelson, este era um trapalhão, vivia em trapalhadas, estava respondendo a vários processos, inclusive um em que ele e outros trapalhões ao flagrarem um grupo de rapazes roubando gasolina de um veículo, atiraram e mataram um jovem de família abastada. Estava a um passo de ser expulso da corporação. Devido esta fértil ambiência desperta no coração de Ruli o desejo de ser investigador de polícia, conversa então com o Dariberg sobre essa vontade de se tornar policial, pois acredita que tem condições de passar em um concurso destes, porém acha que talvez seja eliminado por ser filho de um cassado politicamente. Tinha medo, pois, sua irmã havia sido excluída da Petrobrás por esse motivo.



Dariberg, diz que ele pode fazer o concurso sem medo pois tem um amigo delegado de polícia - peso pesado - que coloca quem ele quiser na polícia, falaria com ele, e então a sua vaga estará garantida. Ruli fica todo alegre com a possibilidade de ser funcionário público e deixar o mercado informal.

O país começa a mergulhar em um período em que a história chamaria economicamente de década perdida. São os anos 80, a crise financeira e os escândalos de desvios de dinheiro são imensos. Os protestos artísticos são muitos, porém em um nível ao qual a maioria dos brasileiros não podia alcançar ou desvendar as mensagens, implícitas. O Chico Buarque de Holanda canta “Cálice”, “...de muito gorda a porca já não anda...” referindo-se ao Ministro da Fazenda Delfin Neto, que os países de primeiro mundo o chamavam de Senhor 20%. O brasileiro massacrado há quase vinte anos de regime militar, ainda não sabe protestar, tem muito medo e pouca capacidade crítica e os poucos que se atrevem a expressar sua indignação muitos foram parar no cemitério, ou pior, na vala do Jacarezinho, Raul Seixas com “.... a mosca que pousou em sua sopa” “... Quem não tem colírio usa óculos escuro...”, Taiguara, Caetano, Gilberto Gil, Renato Russo, Cazusa. Em Belém, a ação militar também não era pouca e quando eles agiam, o destino do revolucionário era o fundo da Baía do Guajará, com mãos e pernas amarrados e o intestino todo perfurado para não boiar e não deixar vestígio. Mas foi aqui, nesta terra cabana, que bravos brasileiros armaram-se e lutaram contra o regime militar na quase esquecida Guerrilha do Araguaia.



O governador Alacide Nunes suspendeu os concursos públicos, para se conseguir uma vaga só através de um forte pistolão político, agora, inesperadamente, o governo abre uma exceção para o provimento de vagas na SEGUP.

Ruli gosta da notícia, porém se entristece por saber que o agravo da situação social do país está provocando um aumento na violência. Não era bem isso que ele queria, porém é o que se apresentava no momento e não deixava de ser uma grande chance de se ganhar dinheiro, ter tempo para estudar e tentar um curso universitário.

Chegando em casa, dá a notícia à sua mãe, que de imediato acha uma profissão muito perigosa e pede para o filho refletir bem sobre sua decisão. Já não exerce grande pressão sobre ele, sabe que é um rapaz complicado e o quer perto dela, mesmo que seja exercendo uma profissão tão perigosa.

No dia dos exames, a primeira prova é relativamente fácil e ele acerta mais de noventa por cento das questões, estando assim, aprovado para o exame de educação física que era apenas classificatório. O dia do teste era um domingo, desses do mês de julho da região amazônica, bem abaixo da linha do Equador. O sol ainda cedo chegava próximo de uns 32° C. Ele passa nos primeiros testes, mas quando chega no último a temperatura do meio dia, já chegava a sensação térmica de quase quarenta graus. Não consegue, portanto, dar as seis voltas completas exigidas no tempo determinado, consegue dar apenas cinco voltas, e pensa que está eliminado, porém, para sua surpresa passa, nunca soube se por mérito, devido ao grande número de pontos que fez nos exames preliminares, ou se pela ajuda do delegado ficara entre os classificados. Nada importa, o que vale é que a prova de educação física era classificatória e não eliminatória e muitos dos aprovados não conseguiram realizar todas as provas completas.



O ano era especial para a polícia civil, todos os aprovados em concurso iriam ter treinamento, pela primeira vez, na Academia de Polícia Civil. Estava sendo realizado um velho sonho do delegado Salomão. Um delegado que sonhava com uma polícia técnica, bem treinada para combater o crime. O delegado Salomão, sem dúvidas, era um sonhador, suas ideias eram louváveis, no entanto este profissional tinha uma outra atividade que lhe roubava muito sua atenção. Com isso não fiscalizava seu nobre projeto. Era poeta, músico e amava a viola. Fazia parte de um grupo de violão e sua veia artística, nunca o deixou ser um grande diretor da academia que fundou.

O primeiro dia dos acadêmicos é uma festa. A academia fica no centro da cidade, um casarão antigo alugado pela SEGUP. As boas-vindas aos novos policiais ocorre através do pronunciamento do Excelentíssimo Secretário de Estado e Segurança Pública Pedro das Sette e do diretor da academia delegado Salomão.

No período de formação Ruli não deixa de trabalhar, suas aulas ocorrem pela parte da noite, pode, então, trabalhar tranquilamente na revenda de carro, como gerente, e vai de veículo para academia. Este fato de trocar sempre de carro chama a atenção dos colegas, tanto dos futuros investigadores de polícia quanto dos futuros delegados.



Na rua onde mora, a amizade com Romero se fortalece. Com apenas dois meses de treinamento, já sente uma imensa vontade de pegar no revólver e sair prendendo ladrões pela cidade. Os professores delegados eram muito bons, os que eram comissários de polícia, não haviam absorvido a nobreza da ideia, com exceção do grande comissário Evanovisk a figura mais ilustre daquela academia, os outros, por falta de consciência, ensinaram - mesmo que em momento de descontração - à turma fórmulas de pegar propina sem bronca. Com frequência, eram feitas perguntas diretas como: “porra comissário! O caminho da legalidade eu já sei. E o macete para ganhar dinheiro, não vai dar a dica?” E respostas como essa: “estes caminhos vocês rapidamente, no dia a dia, vão aprender, porém nunca peguem dinheiro, aconselhem a jogar no chão que a gente acha e o achado não é ilícito penal, portanto sem bronca”. O delegado Salomão, envolvido com o seu violão na noite, não via o que estava ocorrendo em sua academia e nem podia estudar o caráter dos futuros policiais.



Os seis meses de academia passaram rapidamente, porém a vontade de ser policial fazia o tempo se tornar infinito. Muitos dos investigadores antigos visitavam a academia para conhecer os novos colegas e este contato aumentava a vontade dos novatos de participar de ações policiais, mesmo sem poder. Os veteranos faziam convites irresponsáveis que eram aceitos pela maioria da turma, e o pior, os delegados faziam vista grossa com a presença dos novatos nas delegacias. Naquele tempo era muito comum nas delegacias a presença dos informantes comumente chamados de “bate-pau”. Este hábito deixava os acadêmicos à vontade.

Romero convida Ruli para participar de uma ação policial - sabia que o amigo podia arranjar o carro que facilitaria o deslocamento da equipe - Ruli aceita e tudo fica acertado para uma sexta-feira à noite. No dia combinado, Ruli é apresentado a mais dois policiais: um é escrivão de polícia, chamado Castro, tem nível superior, era estudante de direito; e o outro, Arino um investigador de polícia. Ruli havia conseguido uma Brasília e a equipe se encaminhou para o bairro da Matinha. Chegando lá, antes de se deslocarem para o local da ação, sentaram em uma mesa de bar e beberam algumas cervejas, nesse momento o Castro assume a liderança e informa o que irão fazer. A ação policial é um estouro da boca de fumo pertencente a uma traficante chamada Ideuzuite, popularmente chamada de Deuzu:



– O negócio é o seguinte: Nós temos duas formas de estourar esta boca: a primeira é ficar de tocaia e esperar um viciado, dar o flagra e, de posse do produto, estourar a boca; a segunda é a seguinte: o Ruli é um desconhecido na parada, ele pode muito bem ir até a boca e comprar dois baseados e entregar a Deuzu de bandeja pra gente.

Neste momento Romero fala:

– E ai compadre, tem coragem para encarar essa parada?

Ele havia falado a palavra mágica para todo jovem empolgado e imprudente – “coragem”.

– Deixa comigo! o que eu preciso fazer? Responde Ruli.

– Beleza camarada, assim a gente vai estar logo livre para tomar uma birita. Anima-se o investigador Arino.

– Pega este dinheiro aqui, dá para comprar dois baseados. Quem deve te atender é o Nego Brabo, ele é o braço direito da Deuzu. Vai estranhar a tua presença lá na boca, se ele te questionar, porque tu estás querendo comprar maconha lá, tu vais alegar que compras sempre maconha, na boca do Russo, que fica aqui próximo, porém a barra está suja lá, há muita polícia na área, ele vai engolir, e te vender. Explica o plano Castro.

–Ok! Onde fica a boca da Deuzu? Responde Ruli.

–Nós vamos caminhar até a casa de um amigo nosso, ele é um bate-pau da polícia, o apelido dele é carapanã, foi ele quem nos deu o serviço, de que a boca está com o caralho. Da casa dele tu vais visualizar a casa da Deuzu, podendo ver todo o movimento e como tu podes chegar lá, enquanto isso nós vamos dar umas voltas no quarteirão da casa do Russo.



Aqui as notícias correm rapidamente e eles vão acreditar na tua história e vão te vender o baseado, tá ok! Falou o Castro.

– Ok! Respondeu Ruli.

– Quando estiveres de posse do baseado. Nós vamos te esperar na rua Antônio Barreto esquina com a Pauna e, daí para frente tu deixas o resto com a gente...

Tomam mais umas 20 cervejas e seguem para a casa do Carapanã. A casa é de madeira bastante avariada, abaixo do nível da rua, dá a impressão que alaga quando chove. Para chegar a ela, precisa atravessar uma ponte larga de madeira sobre uma enorme vala a céu aberto. Não há televisão, nem geladeira, a água que se toma ainda é de uma bilha de barro. O “bate-pau” vive com sua mãe, uma velhinha que parece ter fugido da realidade. Ele é um sujeito de seus trinta e poucos anos, malandro por excelência, sabia-se que, por opção, nunca quis trabalhar, intitulava-se detetive, tinha um diploma na parede, destes adquiridos através de um curso por correspondência. Tinha um metro e sessenta de altura, era magro e negro, falava um verdadeiro dialeto.

Chegaram à casa do Carapanã. Ele vem abrir a porta, está de calção, um tênis velho – que serve de sandália – e sem camisa. Romero o cumprimenta:



- Fala, carapanã, tudo limpo na parada?
- Tudo limpo, autoridade. Você sabe que comigo não tem transversal, tá tudo na linha reta, sem sujeira, mano, e na menor distância. - Responde o “bate-pau”.
- Olha eu quero te apresentar um novo membro, o nome dele é Ruli, está fazendo academia de polícia e embarcou nessa com a gente, para ver um pouco na prática como é a onda. - Falou Romero.
- Tudo bom, camarada! - Falou o bate-pau.
- Tudo bom, Carapanã. - Respondeu Ruli.
- Grande autoridade dos enquadramento legais, escrivão Castro! – Falou o “bate-pau” ao ver o escrivão Castro.
- Salve, grande detetive. Como é que está a barra no pedaço. – Responde Castro.
- Sem babado, autoridade. As crianças tão botando quente. Depois que o amante da filha da Deuzu deixou o presídio, ele pinou um tempo da área com ela, sabe como é, deve ter ido se capitalizar no Maranhão, agora já está na área há uns seis meses. Ele levantou a venda da Deuzu, está minando de pontos o pedaço e já estão desbancando o Russo, olha que em pouco tempo, já tão até de sapato de borracha, com motora e tudo camarada para distribuir a maldita, sabe como é, Carapanã tá na mutuca deles.



—Isso é muito bom! Um estouro vai ser de arreentar a boca do balão. - Falou Romero.

Ruli é levado para uma greta na parede lateral da casa, o Carapanã fica em outra, ele vai apontando os componentes do grupo da Deuzu a Ruli, que fica atento, pois a visão é pouca, já é noite, umas 20 horas, a sorte é que há um poste de iluminação pública bem na frente da boca de fumo. Como é um lugar de difícil acesso, eles não se preocupam com a iluminação, pois para chegar até lá, é preciso entrar na passagem Laranjeira e passar por uma pequena passagem estreita (um atalho escuro e perigoso que vai dar bem em frente a boca de fumo). A outra maneira de chegar é entrar pelo bairro da Pedreira, sair por detrás de uma faculdade de nome CESEPE e andar por uma longa estiva de madeira. Este caminho foi logo descartado por Ruli.

—Veja aquela moça que tá entregando a muamba para aquele rapaz. É a filha da Deuzu. Ela é muito esparrenta, gosta de fazer um drama danado quando está em bronca na frente da polícia. - Fala o “Carapanã”.

Ele a observa de longe pode verificar que, apesar da roupa pobre, a moça tinha o corpo bem talhado e as pernas grosas, devia ser uma bela jovem.

—Como é o nome dela? - Pergunta Ruli.



—Ela é conhecida no pedaço pela alcunha de Boneca, só que não é uma boneca. É uma onça pintada e muito perigosa, autoridade. Olha aquele moreno gordo é o filho da Deuzu - só tem tamanho - é muito frouxo, o apelido dele é Zé Três, dizem que ele tem três cus, tudo porque ele foi se meter em uma briga na gafieira das sete bandeirinhas e lá, um pilantra deu duas furadas na bunda dele. - Explica o “Carapanã”.

De repente, o Carapanã começa a vibrar e a gritar baixinho.

— Porra, cara! Que legal! Tu é pé quente mesmo cara! O carro deles está chegando deve deixar o bagulho na parada, porra! Vê! Vê! Lá vai o pilantrão descendo com uma sacola grande nas mão, ele é o amante da filha da Deuzu, tem um bocado de crime nas costa, entre eles dois assassinatos, não se pode vacilar com o Nego Brabo.

— E aí, Ruli! Já dá para encara a parada? - Pergunta o Castro.

— Sem erro, meu irmão, sem erro! - Responde Ruli.

— Então eu e o Arino vamos entrar pela Antônio Barreto e seguir em direção à boca do Russo e o Carapanã e o Romero devem seguir pela Ademar de Barros e entrar pelos fundos onde fica a boca de fumo do Russo, ninguém vai querer dar flagra em ninguém, só chamar a atenção dos olheiros para tudo sair bacana. Nós vamos dar duas voltas e, depois, seguiremos para o local combinado para o encontro, enquanto isso tu sais pelo fundo da casa para não seres notado por ninguém, toma esta camisa e quando chegares no teu carro troca e segue para a boca e, boa sorte! - Dá os detalhes finais o Castro.



—Cadê a minha máquina? - Pergunta Ruli.

—Tu és doido cara, se ele percebe que tu és tira vai tudo por água abaixo, não pode haver vacilo, tu tens que ir sem nenhuma máquina. - Responde o Castro.

—Ok! - Aceita a condição o Ruli.

Ruli segue meditando as instruções, por incrível que pareça não está nervoso, um pouco ansioso, talvez seja por causa das cervejas ou mesmo a vontade de combater o crime. Quer ver aquele bando de malfeitores todos na cadeia. Entra pela passagem que leva à boca de fumo. O caminho estreito é muito pedregoso, difícil de caminhar, mas ele consegue se deslocar com rapidez, está acostumado a trilhas de difícil acesso: Quando sai do beco vê a boca, de fumo, que está a uns trinta metros de distância. Distância é uma coisa que sabe mensurar bem, afinal era há bem pouco um topógrafo. A Boneca está na janela. O Zé Três está entregando baseado a duas pessoas que chegaram pela estiva, Ruli se aproxima e diz :



—Olá! Meu irmão, dá pra tu me vender duas cabeças, mano velho?

—Qual é a tua, oh, cagueta, eu nunca te vi por aqui, porra?

—É, meu irmão, te acalma! Eu não sou sujeira não. Eu só quero comprar um baseado para fazer a cabeça.

—Por que tu não vai comprar no teu boqueiro?

—Cara, eu sempre compro no Russo, mas hoje lá tá a maior sujeira. Tem muito tira no pedaço.

—É nossos besouros já zumbiram.

—Então, cara, me vende!

—Não sei não, vou falar com o Zé Brabo.

O Zé Três vai falar com o Zé Brabo, sobre o novo viciado que está querendo comprar baseado. Zé Brabo pega o revólver calibre trinta e oito duplo, põe na cintura, vai ver se não é algum tira disfarçado da DRE (Divisão de Repressão a Entorpecentes), pois conhece a maioria dos tiras que atuam lá. Chega até a porta da casa, olha Ruli, não o reconhece e fala:

— Da onde tu és cara?

—Eu sou do bairro de São Braz, da Vila Monte Pio, e quero comprar só dois baseados para fazer a cabeça.



—Tu sabes que a barra tá suja no pedaço não sabe?

—Claro que sei! Eu compro sempre no Russo e hoje a barra está pesada para aquelas bandas, foi por isso que eu pinei para cá.

—Eu vou te vender, mas se algum tira te pegar pelo caminho, tu não traz ninguém para cá, se não tu vás virar presunto, bacana.

—Pode ficar tranquilo, que eu vou sair pela passagem e ninguém vai me ver e eu só faço a cabeça longe daqui.

—Cunhado, pode vender pro cara.

Quase que Ruli dá um pulo de alegria ao comprar o baseado, por cinco contos, cada um, sai pela passagem para chegar até a Antônio Barreto e depois segue em direção a Pauna onde se encontra a turma. De longe avista o Romero eles estão em uma baiuca e jogam bilhar, o Carapanã o avista e faz a festa:

— Olha lá gente! Lá vem o nosso homem.

Ele chega na baiuca, puxa do bolso dois pacotes contendo o baseado de maconha e entrega ao Castro, que diz:



—Bacana compadre, agora pega aqui este pau de fogo e nos segue. Tu vais ver como é que se estoura uma boca de fumo na sujeira.

O Carapanã fica de fora e vai esperar o grupo em um bar que fica na avenida Duque de Caxias, não pode ser visto com eles, pois se é visto põe a cabeça a prêmio. Os traficantes desconfiam dele, mas não têm certeza, por isso ele transita livremente pela Matinha sem ser molestado.

Romero sai na frente e os três atrás, quando ele é visto pela Boneca ela grita:

—Sujou gente! O Mero tá na barra.

Zé Três tenta correr, pega os pacotes que tem na mão joga no canal e corre para dentro de sua casa. Boneca fecha a janela, e corre para junto da mãe. O Zé brabo tenta fugir pelo quintal com a sacola. Quando sobe o muro, vê que Arino está do outro lado com o revólver em punho, ao perceber a tentativa do Zé, grita:

—Pula maldito! Pula! Que eu estou doido para te ver amanhecendo com a boca cheia de formiga.

O zé Brabo vendo-se acuado pula, de volta corre para o andar de cima da casa esconde parte do bagulho (uns dois quilos) no fundo falso do guarda-roupa e rapidamente esconde o outro no colchão. Enquanto isso, o Romero e o Castro arrombam a porta da casa, Deuzu peita os policias.



– E porra! O que é isso aqui na minha casa? Eu vou denunciar vocês na Corregedoria de Polícia.

Neste momento, o Romero enche a mão no rosto de Deuzu que cai sobre o sofá. Começa, então, a choradeira, boneca faz o drama:

–Seu covarde! Por que tu estás batendo na minha mãe.

–E tu, cala a boca, sua puta safada! – Fala Romero.

–Do que vocês estão nos acusando, eu vou denunciar você, ninguém pode invadir a casa de ninguém sem um flagrante tá! – Fala novamente Boneca.

–É isso mesmo. - Fala o Zé Três.

–Ruli! Traz o baseado que tu compraste aqui. – Pede Romero.

–Aqui! Porra nenhuma, este veado não comprou! - Fala Boneca.

Então desta vez o Castro enche a mão no rosto da boneca e fala:

–Respeita filha da puta, que ele é um tira.

Na parte de cima da casa, Nego Brabo escuta tudo, sabe que a coisa engrossou e tenta, desesperadamente, escapar pelo forro. O Romero parece que está com o diabo no couro, quebra tudo que encontra pela frente: copos, pratos, revira toda a casa e fala aos berros com as duas:



– Onde está a muamba!

Elas, acuadas, choram e gritam.

Os policiais quebram cadeira, reviram gavetas. Romero é o mais violento e começa a espancar o Zé Três. A Deuzu revolta-se, levanta a voz e chama os policiais de covardes. Castro interfere e grita:

–Porra, Romero! Deixa este filho da puta aí e vamos atrás do Zé Brabo, velho.

Neste momento, Arino entra pela porta dos fundos e avisa que o Zé Brabo tentou escapar pelo quintal, mas voltou para casa. Os quatro se olham e observam a escada. Ruli fica com o revólver vigiando os três traficantes. Enquanto isso, os três policiais sobem a escada. A porta do quarto de cima está fechada. Castro, do lado de fora, pede para o Zé Brabo se entregar e sair de braços para cima. Esperam uns dois minutos do lado de fora pela resposta. Não há resposta, Ramiro corre e dá um ponta pé na porta que vai a baixo, os dois entram com armas em punho prontas para atirar. Eles verificam que o quarto está vazio.



No forro da casa, todo atrapalhado, tentando quebrar algumas ripas, está o Zé Brabo. Ouve o estrondo da batida policial, rapidamente se desfaz da arma escondendo-a bem no canto do forro e espera a hora do flagrante. Castro sobe o forro vê o Zé brabo e fala:

–Zé! Acabou cumpadi! Pode descer, porque se não nós vamos ter que te crivar de bala.

Não tendo outra alternativa ele desce do forro sem apresentar qualquer reação.

O Romero encontra em um filtro d'água vários pacotes de maconha embalados em um saco plástico. Arino dá mais sorte, ao revirar o colchão verifica que o mesmo tem uma abertura no seu lado esquerdo, mete a mão e encontra um pacote com um quilo de maconha prensada. A turma se alivia, sabe que agora o flagrante está concretizado, estão de posse do produto do crime.

Romero pega o pacote, desce e esfrega no rosto da Deuzu e diz:

–Tu sabes o que é isso ou tu não conheces mais a coisa?



Ela vê que não tem jeito, daqui para frente o melhor é tentar negociar a liberdade e sabe que não vai ser fácil. O Zé não tem um ano de liberdade, um flagrante agora pode levá-lo a uma nova pena e, desta vez, com o agravante da reincidência, isso significa ficar mais de cinco anos no mínimo, para poder sair de novo do presídio, gastando um horror na mão de um bom advogado.

A Boneca, diante da evidência, joga-se aos pés dos policiais, chora alto e pede por misericórdia para não os prender. Eles todos são levados para cozinha da casa. O Zé Brabo já está algemado, sangra no supercílio direito, resultado da coronhada que recebera de Arino, que o agrediu em resposta à tentativa de fuga do cerco policial.

Neste momento Castro assume o controle novamente e põe todos sentados no chão da cozinha. A Boneca está aos prantos, leva uma nova bofetada, desta vez de Arino em repreensão à sua gritaria:

— Fica calada ai prostituta, quanto mais barulho, porra, pior para vocês...



Deuzu grita com ela e pede para que se cale. Ela então cala-se e se encolhe em um canto da parede. O Zé Três está todo mijado, urinou de nervoso. Romero parece se deliciar com a cena e chuta o rosto do rapaz, fazendo sangrar muito o nariz. Deuzuite desespera-se, corre em direção ao filho e o protege com o seu corpo das pancadas desferidas pelo policial. Castro grita com Romero, põe ordem no local, puxa o Zé Brabo pelos cabelos e o levanta, falando:

—Mas é tu que é o brabo do pedaço mesmo? Hem, filho de uma vaca?

O traficante lança um olhar frio ao policial e não responde nada. Ele lhe aplica um murro bem em cima dos olhos, o outro cai. Os três apenas assistem chorando à cena. Todos são de maior, logo todos podem ser presos. O olho de Zé Brabo fica logo inchado da violência da pancada.

—Agora senta e nunca mais me encara desse jeito, tá entendido? Eu vou logo direto ao assunto, cadê o resto do bagulho que tu trazias naquela sacola?-Fala Castro.

—Não era bagulho, seu Castro, era apenas roupas velhas que eu trazia. - Responde humilhado o Zé Brabo.

—Porra cara! Tu me acha com cara de otário, hem filho da puta? Reforça Castro.

—Não, Doutor, nem pensar em uma coisa destas, pode revirar a casa que o senhor vai ver que não vai encontrar nada. Responde sem levantar o rosto o Zé Brabo.



—Pois é, o que nós vamos fazer. Romero e Arino vão lá em cima e achem o resto da muamba. Enquanto isso eu vou adiantando um papo com esse fudido. Ordena Castro.

Neste momento Ruli pergunta:

—Cadê o berro que tu tinha na cintura quando falaste comigo?

Ele já não levanta mais o rosto para falar e começa a bolar uma desculpa.

—Quando eu vi que a barra estava suja, joguei a arma fora por cima dos quintais. Como eu sei que sou um sujeito respeitado no pedaço, amanhã quem encontrar vai me trazer. Eu não sei em qual dos quintais caiu eu só sei que joguei. — Informa Zé Brabo.

Então Ruli se irrita com a desculpa esfarrapada do traficante e lhe dá uma bofetada. Na parte de cima da casa, Romero se deleita da situação, parece que está extravasando toda a raiva que ninguém sabe dizer de onde vem. Provavelmente são frustrações de ter sido sempre um saco de pancadas entre os meninos de seu tempo de criança.



Ele é da DRE, um investigador considerado linha de frente, perito em encontrar bagulhos. Quando está agindo na ilegalidade, longe do comando de um delegado, costuma virar animal e torna-se um cruel carrasco para suas vítimas. Parece que está sob o efeito de alguma droga, vira as gavetas, quebra objetos, joga tudo que é roupa pelo chão, depois respira fundo vai até o guarda-roupas, dá pequenas batidas como se estivesse procurando um fundo falso e logo percebe uma sonoridade diferente, dá um ponta pé no fundo e o derruba. Então encontra mais dois pacotes bem prensados de maconha, e uns 30 pacotes contendo cocaína.

— Agora eles estão fudidos. - Fala Romero.

Eles descem com o produto na mão, e o desespero da turma dobra.

—Quer dizer que as coisas estão evoluindo, não Deuzu. Agora, tu também vende o pó, né?

Elas entram em pânico. Suplicam pelo amor de Deus, pois sabem que com a quantidade de drogas encontradas, estão todos perdidos e vão parar na polícia federal, lá a barra não é diferente. Zé Brabo já passou por lá e sabe que eles são cruéis, chegam a interrogar as pessoas aplicando choque elétrico e tudo. O período é de ditadura militar, não se tinha abertura para os direitos humanos.



—Vamos logo acabar com isso! Quanto é que vocês querem para safar nossa cara? - Falou o Zé Brabo.

—Agora você falou bonito. Sabe que eu já comecei a gostar de você. - Falou o Castro e todos os policiais começam a rir.

—Eu não tenho muito dinheiro, sabe como é, acabei de sair da cadeia e estava apenas começando a levantar um capital, quando dancei nesta. - Explica-se o Zé Brabo.

—Ah, bicho! É bom que tu tenhas bastante, se não tu vais dançar mesmo. - Fala o Castro.

—Eu dou a vocês dois mil cruzeiros, é tudo que eu tenho, para vocês livrarem a nossa cara.

—Tu és um fudido, cara, isso aí, tu vais guardar para dar ao Dr. Leal, só para ele ir ler teu processo lá na delegacia. Vamos gente vamos levar este bando de safado para a cadeia.

—Espera um pouco cara! A Deuzu pode me arranjar mais mil e vocês podem livrar a cara da gente.

—Presta atenção, para gente não ficar perdendo muito tempo por aqui. Eu vou logo te dizer que por menos de cinco mil cruzeiros tá todo mundo fudido.



—Cara por favor, nós não temos todo esse dinheiro, por favor! Aceita esta grana. Ele olha para os parceiros e pergunta.

—O que vocês acham? A gente aceita esta mixaria ou não?

—Tu é doido bicho, nada feito. - Falou Romero.

Deuzu se humilha a seus pés, implora pela família, mas ele parece inexorável. Tira a algema e algema o Zé Três. Este novamente não resiste a pressão e começa a se defecar. Romero percebe o mal cheiro, dá um murro no estômago e grita:

—Porra, cagão! Se tu tem medo, caralho, porque tu fica nessa, filho da puta! Agora aguenta que isso é só o início. Fica sabendo cagão, que sangue novo na cadeia a galera costuma jantar. E dá uma gargalhada.

Eles começam a caminhar para a sala quando Deuzu fala:

—Eu acho que posso arranjar além dos dois mil, mais quinhentos contos e só.

Zé Brabo já não fala mais nada, os corruptos se olham e aceitam.

—Tudo bem! Desta vez nós vamos aceitar. - Fala o Castro.

Então, Zé Brabo vai até a cozinha e abre os armários que estão em baixo da pia, retira uma tábua falsa e puxa uma caixinha contendo um maço de dinheiro, são notas de dez e cinquenta cruzeiros, passa toda a importância ao Castro que conta e se certifica de que há 2 mil. Deuzuite vai até o quintal próximo a um chiqueiro. Lá encontra um monte de latas velhas, organizadas umas sobre as outras. Ela afasta algumas latas e apanha uma que está lá embaixo, tenta abrir, mais é violentamente interrompida por Arino, que arranca de suas mãos a lata e leva para a cozinha. Os três quase se distraem dos traficantes, contando dinheiro como loucos, apenas o inexperiente acadêmico os vigia com uma arma. Eles contam todo o dinheiro, verificam que há mais dois mil cruzeiros e fazem a festa.



—Vamos embora moçada. - Fala o Castro.

Pegam todo o dinheiro e a droga e vão saindo da casa. Quando chagam à porta, Deuzu suplica para eles deixarem a droga.

—Por favor, Castro, deixa um maço para a gente poder levantar um capital. Depois desta, nós estamos falidos, cara! O que nós vamos fazer para comer amanhã sem capital.

—Te fode porra! - Responde Arino.

—Tive uma ideia para matar tua fome, Deuzu! - Fala o Romero, que saca da cintura o revolver 38, entra na casa vai até o quintal e dá um tiro na cabeça do porco.

—Pronto Deuzu, tu já tens o que comer amanhã.

A Dezuite, cai no chão chorando. Boneca junta-se a mãe e as duas gritam.

—Seu maldiiiiiiiiiiiiito!

Eles saem pela rua às gargalhadas.

Parte2



 dream.ai

**Onde Haverá
Mais Corruptos?**



Enfim é chegado o dia das últimas provas, foram seis meses de intensivo treinamento, tanto tático quanto intelectual. Ruli está com boas médias, as disciplinas de maior grau de dificuldade para a turma são: sociologia, ministrada pelo professor Messias e psicologia, ministrada pela professora Jane. O dia da avaliação final foi marcado para uma sexta-feira e todos estavam muito nervosos. Após o exame a turma iria se reunir no pátio da academia e o assunto, lógico, seria o grau de dificuldade das provas finais. Muitos achavam que não iriam conseguir a média desejada, como de fato, ficou confirmado na semana posterior, apenas 5 pessoas conseguiram a média exigida para aprovação, as outras quarenta e cinco - no caso dos investigadores de polícia - não havia se habilitado. Ruli estava entre os cinco e já poderia considerar-se um policial. O regulamento da academia era rígido e bem claro: os que não conseguissem as médias mínimas nas disciplinas estariam eliminados do quadro policial.

O resultado foi desastroso, o delegado Salomão não se conformava, reuniu com seu quadro de professores e passou-lhes um sermão, chamando-os de incompetentes, entre outras coisas. A Academia de Polícia estava em choque. Como explicar ao Secretário de Estado este vil resultado? Dos 50 aprovados, só cinco poderiam exercer a profissão. Em uma manobra desesperada o delegado Salomão resolve, por risco próprio, alterar o estatuto da Academia de Polícia sem passar pelo Conselho de Segurança. Com esta medida, os acadêmicos que não passaram puderam fazer as provas de recuperação. Este exame foi um desastre. Os instrutores saíram de sala, a turma pôde colar à vontade. O resultado, todos aprovados.



Dois meses são passados após o término do treinamento e, enfim, é chegado o dia da graduação dos futuros investigadores de polícia. Para sua surpresa, Ruli foi chamado no 43º lugar da classificação geral. Ficou decepcionado com a classificação, pois havia passado direto. No entanto, todos os cinco alunos que não precisaram da prova de recuperação ficaram abaixo dos quadragésimos lugares. Recebeu seu diploma com uma insatisfação muito grande.

Dois dias se passaram depois da festa, e antes mesmo de ser destacado foi até a academia saber o porquê da injusta posição. O resultado das notas de recuperação estava exposto no mural, ao vê-lo, entendeu tudo, a menor nota dos exames era 9,5 muitos alunos menos preparados tiraram 10. Em uma semana, eles haviam se recuperado e ultrapassado os que passaram de primeira época. A consequência deste resultado, foi que: os piores alunos, foram para as delegacias especializadas e os demais para as delegacias de bairro.



Para Ruli a tragédia estava feita, não importava mais nada e nem adiantava brigar. Cinco dias depois do recebimento do certificado, da carteira funcional e da arma – um revólver Tauros calibre 38, cano duplo – ele era nomeado no Diário Oficial do Estado, para exercer suas funções na delegacia de polícia do bairro do Guamá. Este bairro tinha suas características especiais: era o bairro de maior população da cidade de Belém, tinha o maior número de ocorrências policiais, 95% de suas ruas não eram pavimentadas, havia um esgoto a céu aberto, 65% das casas do bairro eram palafitas que estavam localizadas sobre o Rio Tucunduba, as estivas estavam cheias de falhas com tábuas quebradas por toda a sua extensão, quanto mais os casebres se aproximavam do rio, piores se tornavam as suas condições de acesso e se agravavam o estado de insalubridade, lógico que quanto mais o ser humano se afasta de um habitar digno, mais violentados serão seus direitos a vida, e a tendência é o embrutecimento do seu ser. A resposta a esse estado de exclusão social vem com a violência urbana, produzida por aqueles que nunca conheceram um Estado de Direitos.



No dia estabelecido pelo Diário Oficial, acordou cedo para se apresentar ao delegado Supervisor da Unidade Policial. Foi o primeiro a chegar, e só encontrou na delegacia o escrivão cartorário de nome Vadinho, um sujeito asqueroso, barrigudo, barba mal feita, camisa de aparência muito molhada de suor, gravata vermelha, havia manchas negras em sua roupa. Ruli aproxima-se do escrivão e fala:

—Bom dia, senhor! — Vadinho sentado atrás de uma mesa escrevendo alguma coisa na máquina, levanta os olhos e responde.

—O que é?

—Eu gostaria de falar com o delegado. — Responde Ruli.

—Ele ainda não chegou. — Informa Vadinho.

—Ele vai demorar? — Pergunta Ruli.

—Não sei porra! — Responde o cartorário. Ruli não gosta do tratamento e resolve se identificar.



—Senhor! - Não consegue nem pronunciar a segunda palavra.

—O Que é caralho! Tu não tá vendo que eu estou trabalhando? — Reage furioso o escrivão. Ruli toma um susto com a atitude do Vadinho.

—Desculpa, Porra! Mas eu sou investigador de polícia desta nova turma e estou me apresentando. — Falou aborrecido o investigador.

—Ora porra! Desculpa cara! Por que tu não falou logo? Entra, senta aqui, que o delegado costuma chegar lá pelas nove e meia e ainda são sete. — Falou Vadinho

—Tá, obrigado! — Responde Ruli.

Passados mais quinze minutos, chega à Delegacia, um outro investigador de nome Manoel. É um rapaz de boa aparência, tem traços e fisionomia fina, anda bem trajado, pode se dizer que ele é um estranho no ninho. Ainda na academia descobriram que ele era Filho de um juiz da capital, um jovem muito problemático, que não se preocupava com os estudos, vivia metido em confusões e dava muito trabalho para os seus familiares. No seu passado, teve envolvimento com drogas e, graças à influência do pai, havia escapado dos enquadramentos legais da corporação da qual agora era parte integrante.



—Bom dia! — Os cumprimentou Manuel.

—Fala Manoel, tu também vieste lotado para cá? — Responde Ruli.

—E não é maninho, nós caímos na besteira de passar de primeira e nos fundemos, como prêmio estamos excluídos das divisões especiais. —Lamenta Manoel.

—E não é, cara? Logo de cara entramos de mané na corporação. - Concorda o Ruli.

—Porra, Cara! Isto aqui fede pra caralho! - Observa Manoel.

—É bicho, ai do lado fica o xadrez. - Responde Ruli.

—A gente pode olhar? - Pergunta Manoel.

—Não sei, até agora só conheci aquele veado gordo, que tá sentado ali. Ele é o escrivão cartorário. O delegado só chega mais tarde, lá pelas nove e meia. — Responde Ruli.

—Mas eu posso pelo menos entrar não? - Fala Manoel.



—Claro que sim, eu vou te apresentar para ele. Ei! Seu Vadinho este aqui é o Manoel nosso colega que também vai fazer parte do quadro. — Ruli apresenta o colega ao cartorário.

—Oi, Manoel! Tudo bem? — Responde Vadinho.

—Tudo bem. - Responde Manoel.

—Vai ficando a vontade por aí até o delegado chegar. —Fala Vadinho.

—Só uma pergunta Senhor. Vadinho. —Fala Manoel.

—Senhor o caralho! Cara, Vadinho. De hoje em diante nós somos colegas. — Falou o escrivão melhorando sua imagem diante de Ruli.

—Ta legal, Vadinho, nós podemos ver o xadrez? - Fala Manoel, muito curioso.

—Claro que sim, mais tá fedendo pra caralho, não é lavado desde sexta feira, a gente vai primeiro transferir os presos barras pesadas para a Delegacia Geral, e só depois os beberrões vão lavar a cela bem limpinho para poder saírem. - Alerta Vadinho.



Os dois entram no corredor onde estão localizados os presos. É um espaço com três celas, todas elas com excesso de lotação (há aproximadamente uma 40 pessoas em cada uma das celas), duas delas são destinadas aos bebedores da noite e uma só para os criminosos já com passagem pela polícia.

As pessoas que estavam nas celas dos presos comuns, ao avistarem os policiais, chamaram por nós, suplicavam informações de quando seriam liberados de lá. Outros pediam para ligar aos seus familiares, mas os rapazes, não davam a menor importância e nem conversa para ninguém. O mau cheiro de urina e fezes, não deixou os policiais ficarem por muito tempo no ambiente e eles logo saíram daquele lugar insalubre. Ao retornarem para a sala de entrada avistam chegando um terceiro colega que iria completar o quadro.

—Olhe, Ruli quem vem chegando. - Fala Manoel.

O nome do novo colega era Paulo, mas na academia foi apelidado de Catatal. Este apelido, devia-se a sua estrutura franzina e a estatura baixa. Passou com baixíssimas notas e, mesmo com toda ajuda da turma na última prova, em que poderiam ficar com o caderno nas mãos, quase não consegue os pontos para sua classificação.

—Fala Catatal. - Ruli o cumprimenta.

—Olá! Gente, tudo bom com vocês? – pergunta Catatal.

—Tudo bom. - Responde Ruli.

— Eu também estou lotado nessa delegacia. – Fala Catatal.

— Então cara seja bem-vindo. - Fala o Manoel

— O delegado está? - Pergunta Catatal.

— A autoridade só chega das 9h30 em diante, mas entra que nós vamos te apresentar ao escrivão. – Fala Ruli.



Passada mais meia hora, sai de dentro de um barracão que fica ao lado da delegacia, o investigador do plantão da noite chamado Romião. Estava acordando naquele momento. O responsável pelo plantão era o comissário Mourão, mas ele já havia ido.

O comissário era um policial jovem, de seus quase trinta anos, tinha a fama de ser linha de frente, estava sempre nas manchetes policiais, tanto nas boas, como nas de abuso de poder. Ele era muito estimado por todos na delegacia. Chegava mesmo, a ser considerado um ídolo para muitos policiais, por sua ousadia. Tinha muitas contas a ajustar com o Homem lá de cima, pois não eram poucos os criminosos que tomaram em suas mãos das mais diversas formas, tanto em combates de grande risco para sua vida e até mesmo quando ele agia de maneira covarde. Porém na polícia há uma máxima que diz: “bandido bom é bandido morto” e esta máxima o fazia um verdadeiro herói.

Nas polícias na militar ou civil, os policiais mais arrojados são chamados linha de frente, esses são os mais requisitados pelos delegados. São tratados com regalia pelas autoridades que gostam de ações ousadas – considerados as estrelas das unidades policiais. Com esses agentes da lei só havia um problema, quando se defrontavam com algum delegado não muito audaciosos, sem prestígio e inseguro de suas competências, não deixam de os intimidar. Nessas horas se rebelam, não cumprem com as ordens expedidas, como exemplo: os mandados de buscas e apreensão escritas ou verbais, as notificações sem antes ter havido a ocorrência policial.



Na realidade só agem quando tudo está rigorosamente dentro da lei, e, mesmo assim muitas das vezes não fazem. Naquela época, eram muito comuns as solicitações verbais, feitas pelos delegados aos investigadores. E esses por sua vez as cumpriam com a melhor das intenções. Quando o delegado que as ordenavam tinham prestígio dentro da corporação e sabia dar as devidas proteções de segurança aos seus subordinados que executavam suas ordens. Mas, se a autoridade fosse do estilo inseguro, cruzavam os braços, pois sabiam que se algo ocorresse fora do previsto estes eram os primeiros a negar a autoria da ação e rapidamente passavam a acusar os investigadores.

A delegacia em que os novos policiais iriam ser lotados, tinha o seguinte quadro de autoridade: o delegado supervisor, responsável geral pela delegacia, chamava-se Alcides Vasconcelos. Tratava-se de um policial das antigas, assim chamado pelos mais novos - bacharéis em direito - de delegado calça curta, porque não havia passado por uma faculdade. Era um linha de frente e quando se tratava de bandido, sabia defender os policiais dos excessos cometidos. Tinha uma estatura mediana e silhueta obesa, gostava de beber cerveja e de garotas novas (como todo bom policial achava-se um garanhão). Assíduo frequentador dos cabarés do bairro, tendo o de sua preferência era o Star Blue, devido à localização discreta.

A outra autoridade chamava-se Leonaldo, tinha o bacharelado em direito, falava pouco, porém, não era bem querido entre os policiais da delegacia. Tinha a fama de ser covarde, isto é, dava ordem para os policiais saírem em diligência e se a coisa engrossasse, ele tornava-se o primeiro a fugir das responsabilidades e transferia a culpa toda aos subordinados.



No turno da noite estava no comandado o comissário Moutrão, um policial linha de frente, desses de trocar tiro com bandido. Respondia a um grande número de inquéritos por abuso de autoridade. Era jovem, corpo atlético, gostava das ações arrojadas, e para quem crê em Deus tinha muita conta para ajustar com o Senhor lá de cima. Contava com uma forte proteção política que livrava a unidade policial dos inúmeros desvios que cometia no ato da ação policial, consequência dos arroubos de um jovem policial.

A unidade policial contava com três escrivães, sendo que um deles o Vadinho cartorário da delegacia, não inspirava confiança em ninguém, não conseguia encarar as pessoas, mantinha sempre o olhar baixo, falava de cabeça inclinada ao solo. Corria a bocas pequenas, um boato, de que, quando ele bebia, revelava seu lado homossexual e exagerava em seus modos.

O Leopoldo era um velho considerado muito gente boa, sempre alegre e sorridente, estava aguardando a aposentadoria há cinco anos, porém pela falta de contingente, esta nunca saía. Um alcoólatra que tinha o pecado das orgias e uma infinidade de prostitutas como amante. O Nano Castro, o escrivão do plantão da noite, também não era confiável em relação a questões financeiras. No restante podia-se considerar um bom sujeito.



O quadro de investigadores era assim formado: Paulo Bigode e Osmarito, investigadores da manhã e Romião do turno da noite. Os dois primeiros, trabalhavam também no horário noturno, quando necessário rotineiramente solicitava-se a presença deles, que nunca se negavam ao trabalho noturno, como também, jamais se queixavam de trabalhar demais. Um dos motivos de tamanha estima, era saber que em caso de algum problema, tinham uma autoridade ao lado que assumia as responsabilidades da execução da ordem dada. O outra e mais importante, era a possibilidade de uma grana extra.

Nos plantões da noite, os policiais habitualmente saíam em diligências pelo bairro, pois sabiam que oitenta por cento dos estabelecimentos daquele bairro estavam irregulares. Esta situação proporcionava aos policiais, uma bela de uma “catação”, ou seja – coleta de propina, para fazer vista grossa da situação – os sábados e domingos, a delegacia também recebia a ajuda dos policiais militares, que trabalhavam em um PM-Box próximo da unidade policial, principalmente pela noite, quando o movimento de bares era intenso.

Paulo Bigode, o mais experiente de todos, era um linha de frente, aliás, naquela delegacia, com exceção do delegado Leonaldo, todos os demais eram linhas de frente. Os investigadores haviam sido escolhidos a dedo pelo supervisor.



O investigador Osmarito, apesar de já ter algum tempo de polícia não tinha a classe do Paulo Bigode, que trazia no curriculum uma bonita folha de bons serviços prestados. Vale apenas salientar que, Paulo Bigode, durante toda sua carreira sofrera uma única punição, executou a ordem verbal de um delegado Leonaldo, de trazer para delegacia um rapaz acusado do furto de uma bicicleta . Acostumado a cumprir as ordens dadas ao pé da letra, foi executar a ordem. Chegando ao local avistou o rapaz junto com outros jovens de sua idade jogando bola no meio da rua, chamou o rapaz pelo nome, o menino parou a pelada e respondeu:

- Pois não senhor!

Com a confirmação da pessoa, deu voz de prisão e o algemou. Os colegas do rapaz diante da cena, revoltaram-se contra o policial, que estava sozinho. Os que jogavam bola eram muitos, além dos dois times que estavam se enfrentando, havia mais dois na reserva e a coisa engrossou. Eles formaram um grupo de quase trinta pessoas e não queriam deixar o rapaz ser preso, cercaram o Paulo Bigode e a situação fugiu do controle do policial. Alguns deles foram chamar os familiares do rapaz. Um de seus parentes era policial militar e a coisa ficou mesmo complicada para o Bigode.

Quando o PM chegou, solicitou a ordem de prisão expedida pelo delegado, ele não a tinha. Disse logo ao PM que se quisesse ver o documento teria que apanhá-la na delegacia junto ao delegado Leonaldo. O PM diante da arbitrariedade, não deixava o rapaz ir preso. Paulo Bigode, de arma empunhe, deu um tiro para o alto, porém foi inútil O povo avançou e ele não teve dúvidas, alvejou a perna do PM, e a um dos braços de um tio do rapaz. Quando as pessoas viram que o policial não era de brincadeira afastaram-se, ele aproveitando a ocasião, pegou um táxi e levou o rapaz para a delegacia.



O ocorrido chegou aos ouvidos do comandante da polícia militar que ficou insultado com o procedimento do investigador e comprou a briga em nome de sua corporação. Solicitou esclarecimento do delegado, que diante da pressão do coronel entrou em pânico, esquivou-se como pôde das acusações alegando em sua defesa que havia apenas mandado ao policial fazer um levantamento dos fatos e não prender e nem atirar em ninguém. Para piorar a situação do Bigode, só o Vadinho ouvira a ordem, como era de vil caráter e bajulador, não testemunhou a favor do rapaz. Ele só não foi expulso da corporação devido aos seus bons serviços já prestados, mas levou 30 dias de suspensão das atividades policiais.

O Osmarito, teve no passado envolvimento com gente da pesada, rapazes que mais tarde se tornariam bandidos da mais alta periculosidade, foi viciado em drogas, mas, agora era tira e dos bons. Tinha uma idade aproximada de vinte e cinco anos, estava muito empolgado com a profissão, mas não tinha como qualidade o escrúpulo, e em suas ações policiais se arriscava muito, deixando em risco a sua vida e a dos seus colegas.

Romião, um tira experiente, de cor preta, carioca, malandro por excelência, tinha muita cautela em suas ações, alertava para o perigo de certos atos e para a inveja humana. Não gostava muito do confronto direto com bandidos, dava muito mais valor à vida, contanto evitava atos violentos. Havia sentido na própria pele a experiência de um baleamento e por pouco não morreu. Era mestre capoeira e graças ao seu vigor físico teve a resistência necessária para sobreviver de tão grave ferimento.



Manoel se tornou um policial por opção. Filho de um influente juiz da capital - já com um pé no desembargo - teve tudo de material que a vida lhe podia proporcionar, só não teve o amor do pai. Esse, apaixonado pela carreira da magistratura, esqueceu do lar e de dar amor aos filhos. As consequências da escolha do filho, foram muito trágicas para o juiz. Manoel muito cedo se envolveu com o mundo do tráfico e com pessoas acostumadas ao mundo do crime. Sua irmã também se envolvera com o submundo do crime, amancebou-se com um ladrão, deixou o conforto da casa familiar, para viver uma louca aventura. Foi morar em um barraco no bairro da Matinha e viver na mais profunda miséria, ao lado de um marginal, que quando drogado, a espancava constantemente.

Catatal havia entrado na carreira da polícia, por pura necessidade de sobrevivência. De origem muito humilde e de uma calma que aos colegas chegava a irritar, evitava sair em diligência, não queria problemas.

Ruli havia optado pela profissão, por imprudência de uma adolescência problemática, coisas de um rebelde sem causa. E logo cedo se tornaria, junto com o Manoel, uma das novas estrelas da delegacia.



No primeiro mês de trabalho as atividades policiais não passaram de entrega de notificações, expedidas pelos delegados e pelo comissário. O movimento, apesar de ser grande na delegacia, ocorria mais por brigas de vizinhos do que por ocorrência de assalto, que naqueles dias foram bem raros.

Nos finais de semana, as confusões ficavam por conta das sedes sociais do bairro, onde ocorriam as festas que começavam na quinta e terminavam na madrugada da segunda-feira, normalmente o tumulto era por problemas ocorridos pelo excesso de bebidas, nada que uns bons safanões na cabaça do “zé cachaça” e mais duas noites de grade, não solucionasse.

A vontade de uma verdadeira ação policial era latente no peito dos novos investigadores, chegou ao ponto de os policiais novatos pedirem permissão ao delegado supervisor para darem patrulha pelo bairro. A desculpa para tal procedimento, era de que necessitavam fazer o reconhecimento da área em que atuavam. O delegado Alcides Vasconcelos, que gostava de ação forte, percebeu a vontade que latejava no peito de seus investigadores, mesmo sabendo do risco a que se expõe um policial inexperiente em um bairro como o Guamá com grandes problemas sociais, resolveu testar seus auxiliares, imediatamente permitiu as saídas dos investigadores da delegacia nos horários de movimento mais fraco, o turno da tarde, que se dava das 15h até às 19h, e logo depois deveriam retornar para o final do expediente.



Os policiais festejaram a atitude do delegado e não perderam tempo, no mesmo dia, botaram em prática seus objetivos no mesmo dia saíram pelo bairro feitos pássaros que fogem da gaiola e após a primeira caminhada de reconhecimento, quando ainda estavam na delegacia, tecendo comentários sobre os lugares por onde passaram. Estavam maravilhados com as descobertas que estavam fazendo, como o tempo de deslocamento, e onde ficaram surpresos em verificar que em tão curto espaço de caminhada, como 15 minutos, poderiam passar de um bairro para o outro rapidamente, isso levava a crer na teoria de que muitos dos assaltos de um bairro são feitos por marginais de outras áreas, mas também falavam das dificuldades de acesso a alguns lugares, a grande quantidade de estabelecimentos irregulares, e etc.

Neste momento entrou pela porta da delegacia um ex-policial de nome Tinoco, que havia sido exonerado, no ano anterior da função que ocupava, de delegado de polícia do município de Salinas. Nessa época o policiamento de alguns municípios era feito por uma autoridade escolhida através do prefeito da cidade, e nomeado pelo secretário de segurança pública. Esse servidor, quase sem nenhum preparo, era auxiliado por soldados da polícia militar e um escrivão de polícia, que também não tinha qualificação técnica para o exercício da função, só ali estava por apadrinhamento político. Tudo funcionava pelas providências divinas.

Sem nenhum treinamento básico para exercício da função, tudo, em uma delegacia do interior do Estado, tudo ocorria de modo empírico. Os erros gritantes nos inquéritos policiais faziam a festa dos advogados criminalistas. Tinoco havia sido afastado por acusações muito fortes, como: extorsão, abuso de autoridade e supostos envolvimento na morte de umas três pessoas. Agora o desempregado servia de bate-pau de polícia. Chega todo festivo na delegacia:



—Olá, rapaziada! tudo bem por aí? – Cumprimenta.

—Tudo bem. – Responde Osmarito.

—Pelo que estou vendo tem gente nova no pedaço? – Fala Tinoco.

—Sim, estes são Ruli e Miguel, investigadores de polícia desta última turma- Falou Osmarito.

—Ei, pessoal! Este é Tinoco, um colega de profissão que trabalhou no interior do Estado, momentaneamente está afastado, porém isso é só uma questão de virada política, logo, logo, ele vai voltar a ser o delegado de polícia. Atualmente ele vem dando uma força para agente, já que é tira e mora no pedaço. – Falou Osmarito.

—Então seja bem-vindo, meu nome é Ruli. - Fala o novo policial.

—Tudo bom, Ruli? - Pergunta Tinoco.

—E este é o Manoel. – Osmarito apresenta

—Tudo bom? Sabe eu vi vocês dois e mais o Romião andando lá pelas minhas bandas, então desconfiei que eram tiras e quis vir conhecê-los. - Falou Tinoco.

—É nós estávamos fazendo uma caminhada de reconhecimento nas bocadas. – Fala Manoel.

— Ah! isso é muito bom, eu conheço estes bairros da cabeça aos pés, sou nascido e criado aqui, só depois que me tornei um policial e sai daqui para exercer minhas funções no interior do Estado. – Falou Tinoco.

— Olha pessoal, tai uma boa pessoa para acompanhar vocês pelo bairro. – Falou Osmarito.



—Por que não? - Falou Ruli, gostando da idéia.

—Eu o farei com imenso prazer. — Responde Tinoco.

—Então está combinado, esteja aqui amanhã às 15h e nós vamos dar umas boas pernadas. - Fez o convite Ruli.

—Ok! — No que aceitou o Tinoco.

No outro dia Tinoco estava na delegacia desde às 14h. Ruli encontrava-se na sala do delegado Alcides, fazendo o papel de escrivão. Ele escrevia na máquina um TERMO DE BOM VIVER que seria assinado por dois casais, que estavam detidos desde às 9h da manhã. O motivo da detenção era uma briga de vizinhos, trocaram safanões entre si. Por sinal, essa era a ocorrência mais comum naquela unidade policial. Tudo se explicava no violento cotidiano de seus moradores, péssimas habitações, pouca ou nenhuma alimentação (normalmente nas camadas mais baixas só havia uma refeição por dia), a bebida mais consumida era a cachaça, tudo contribuía para rápidos desentendimentos. Os ânimos em poucos instantes se exaltavam, e tudo acabava na delegacia e no PSM.

A grande ave de rapina, que comandava aquela unidade. Aproveitava-se desses pobres coitados, para tirar suas vantagens financeiras através de extorsões, pois o termo de Bom Viver não existia mais, e os pobres diabos não sabiam disso. Alcides Vasconcelos cobrava, em média, dois salários mínimos de cada família para assinarem o termo e em seguida os liberava.



Sempre com a ameaça de que, se algum deles rompesse tal termo, além de responderem a um processo criminal, iriam passar um bom tempo presos na delegacia. Essa ameaça soava forte, principalmente porque o delegado nunca conversava com os conflitantes sem antes deixá-los no mínimo por umas quatro horas de detenção. Essa técnica psicológica de um delegado “calça curta”, normalmente dava certo, principalmente para aquelas pessoas, que nunca haviam sido presas antes. Esses humilhante momentos marcavam suas vidas terrivelmente, pois os mesmos conviviam com os horrores momentâneos de serem vizinhos de cela, de bandidos muito perigosos, e ouvir todos os absurdos que eles diziam ou praticavam, além do ambiente insalubre, que fedia a fezes e a urina de vários dias sem limpeza da cadeia.

Vadinho andava todo enciumado quanto ao Ruli, pois o supervisor tinha uma grande estima pelo rapaz. Isso porque anteriormente era ele que fazia os termos para o delegado, e acabava ficando com metade da propina. Ora, não sendo legal, não precisavam prestar conta de nada à divisão de correção policial, e era uma grana gostosa de se ganhar. Quando o delegado viu Ruli fazendo atestado de pobreza para o Vadinho, teve logo a idéia de excluir o escrivão da propina, sendo ele um delegado de peso, em todos os sentidos. Dava meio salário para o investigador, que ficaria feliz da vida e dispensaria o cartorário, que tinha de amargar a ganância do delegado.



Uma delegacia de polícia é algo muito intrigante, primeiro pela facilidade de se ganhar sempre um extra, em situações como: há uma parte com maior interesse no inquérito e está disposta a pagar para que ele seja agilizado. Quando os investigadores percebiam a disposição atípica dos escrivães em dar andamento em algum caso, mostravam a maior dificuldade em notificar as partes, desde a falta de viatura para se deslocar, até a mais ridícula das desculpas, como a de: “não encontrei o endereço”, o que era ridículo para peritos em todos os cafundós de um bairro, convencer alguém que não encontrou o endereço. Dessa forma, forçavam os escrivães a gratificá-los para que a coisa pudesse ser mais rápida. Era do conhecimento de todos que os processos no cartório só andavam através de propina, e muita propina.

Naquela época as pessoas carentes, para gozarem dos benefícios de algumas entidades públicas, tais como a ALBA, tinham que ir a uma delegacia de polícia e solicitar um humilhante atestado de pobreza. Este naturalmente era “grátis”, porém, se não houvesse a gorjeta ou com se falava no jargão policial “molhassem o pé da planta”, nunca se conseguia tirá-lo, o requerente dava várias idas ao local e nada conseguia. Geralmente um atestado custava naquela época cinco contos. Os escrivães não gostavam de confeccionar esses documentos, diziam ser muito trabalho para pouco dinheiro, como também odiavam a perturbação dos requerentes. Por sua vez, o delegado não gostava assinar esses documentos e a coisa não andava. Ruli descobrirá rápido uma maneira de estar sempre com uma graninha extra nos finais de semana. Gozava de prestígio com o delegado, e esse assinava, tantos quantos, atestados ele solicitava.



Outra coisa interessante se passa em um ambiente policial, o número de mulheres adolescentes, quase crianças, nas delegacias. Logicamente, que o envolvimento que procuravam com pessoas de tão baixo caráter iria lhe causar grandes prejuízos no futuro. Passavam a namorar com todo o quadro policial, até que, um dia, engravidavam.

Dentro da corporação policial e até hoje é motivo de orgulho machista, dizer que “comeu fulana ou ciclana” ou tenho 4, 5, 10 filhos, cada um com uma mulher diferente. Mais orgulhoso fica quando é o primeiro homem que a moça conheceu. O “macho”, de peito tufado, fala para ao restante “descabacei fulana”. Quase todos os anos naquela unidade policial, apareciam jovens grávidas, desesperadas, procurando o pai da criança, e ao sentir o desprezo do policial, caíam na real, descobriam a besteira que cometeram, choravam muito, e iam criar os filhos sozinhas, muitas delas davam seus filhos, outras recebiam o desprezo dos pais iam morar nas ruas e facilmente se prostituíam.

A velha raposa mostrava os locais de maiores incidências de violência a casa de alguns bandidos. Durante quase três meses não prenderam ninguém, a não ser tacos e bolas de bilhar, que encontravam em estabelecimentos, funcionado com a presença de menores. A primeira vez que fizeram isso, encheram tanto a delegacia de tacos e bolas, que até o dono da rede dos jogos esteve com o delegado pagando uma propina para liberação do material apreendido.



Três meses se passaram e eles não tinham tido nem uma grande emoção. Até que, em uma certa manhã, Ruli diz ao Manoel:

—Olha cara, hoje eu não quero sair com o Tinoco. Sabe o porquê bicho? — Manoel fica calado só escutando e Ruli que continua. - Ou ele, ou nós somos muito pé frio, coisa que eu não acredito, ou?

— Ou o que Ruli? - Fala o Manoel.

—Eu estou com a pulga atrás da orelha cara. - Diz o Ruli.

—Por que cara? - Responde Manoel.

—Tem muito maconheiro neste bairro, não têm? - Questiona o Ruli.

—Claro que tem! - Confirma Manoel.

—Então porra! Por que o Tinoco nunca nos mostrou uma boca de fumo no pedaço? - Fala o Ruli.

—Sabe que tu estás com a razão cara, e aí o que nós vamos fazer? — Fala o Manoel.

—Hoje quando ele vier nós vamos dizer que não iremos sair mais e vamos dar um tempo do Tinoco, e depois nós vamos sair sozinhos. — Falou Ruli.

—Ok. - Concorda Manoel.

Assim o fizeram, anunciaram que não iriam mais sair. Tinoco ainda apareceu mais dois dias, quando percebeu que ninguém se manifestava se afastou. Ao se passarem aproximadamente duas semanas sem nenhuma diligência pelo bairro, Ruli chama Manoel e conta a idéia que teve.



- Ei, Manoel, quero falar contigo. Pode ser agora?
- Claro maninho. – Respondeu Manoel.
- Eu andei levantando umas paradas com uma pessoa da DRE, (Divisão de Repressão a Entorpecente), tenho um amigo lá e ele me deu de bandeja todo o babado sobre a rede de tráfico aqui do pedaço. - Falou Ruli.
- Porra, beleza cara! - Responde empolgado Manoel.
- Mas nós vamos devagar nessa parada, a grana corre bacana, dizem que quando o boqueiro paga bem, a turma da delegacia não o importuna. – Advertiu Ruli.
- O que é que tu tá querendo dizer com isso? - Falou Manoel.
- O elementar caro Manoel, o elementar. A turma antiga nunca fala nestes caras, lógico que tem gente comendo só, tu não achas? – Retrucou Ruli.
- Porra meu, deve ser. E aí como é que a gente vai fazer? – Perguntou o Manoel.
- Só nós dois é perigoso, porém vamos convidar o porra do Catatal e o Osmarito. Mas ninguém vai contar que a nossa idéia é estourar uma boca de fumo, tá ok? – Falou o Ruli.
- E como é que nós vamos fazer? – Perguntou o Manoel.
- O alvo é a boca do Antônio Sapateiro, morou?- Falou o Ruli.
- Eu nunca ouvi falar nesse cara. - Respondeu Manoel.
- Pois é, a boca fica na passagem Napoleão Laureano, esquina com a Fé em Deus. É um pequeno comércio e a venda do bagulho é feita pelos fundos. - Começa a explicar o Ruli.
- Porra cara, nós passamos várias vezes por esse local com o Tinoco e ele nunca nos mostrou a boca. Porra! Como nós fomos babacas caralho! É lógico cara, que este filho da puta! Estava nos apresentando ao boqueiro. Conclui Manoel.
- Caiu a ficha, maninho? – Falou o Ruli.



- Caiu mano, mas continua. Quero ouvir teu plano. - Falou Manoel.
- Lembra dos treinamentos de disfarce lá na academia?
- Claro que sim- Responde Manoel.
- Nó vamos nos vestir de traje esporte, bermuda, chapéu e óculos, ninguém vai esperar que a gente ande deste jeito e aí, se der tudo certo, nós vamos chegar por trás da boca, lá pelas seis horas da tarde, hora em que a moçada tá comprando e vamos estourar esta parada. Estás me entendendo? - Explicou o Ruli.
- Mas se o Osmarito ganha grana com o boqueiro, não vai querer ir cara. – Questionou o Manoel.
- Aí que tu te enganas, nós não vamos falar nada para ele, nem do disfarce. Não pensa, eu já pensei tudo, só presta atenção: amanhã nós vamos sair os quatro e quando chegar na rua Augusto Correia, vamos nos dividir alegando que juntos damos muita mancada, eles iram seguir pelo Tucunduba, e nós vamos fazer o sentido inverso. O encontro será marcado, lá no bilharito do Pezão, aquele que fica na Beira-rio com a Fé em Deus, se tu estás prestando bem atenção, vais ver que o bilhar fica bem próximo da bocada, e se alguma coisa der errado é só dar dois pei! Para cima que o Catatal e o Osmarito vão rapidinho estar lá. - Detalha o plano Ruli.



- E como é que tu sabe que o Osmarito vai topar a parada?
 - Ora porra! Ele sabe que eu faturó uma ponta legal, no atestado de pobreza e nos termos de bom viver que eu bato para o delegado. Vou prometer que banco a rodada de gelada no bilhar e quero ver se ele não topa. – Fala Ruli.
 - Porra cara! Legal, tu é um gênio do mal cara. Falou Manoel.
 - Agora eu vou te dizer uma coisa, não vai ter acerto, eu quero aquele filho da puta na cadeia, ok?
 - Ok. Bicho, ele vai aprender que com tira e pomba não se zomba. Fala o Manoel.
- Assim, no outro dia, Ruli espera pelo Catatal, que chega mais cedo para o seu plantão devido ao convite feito para caminharem pelo bairro. Osmarito aceita sair. Quando chega às 15h ganham a rua. Eles descem a rua Augusto Correa e após um certo caminhar, Ruli pára e propõem a separação. Como a promessa do encontro na Beira-rio seria regada a muita cerveja, o Osmarito não desconfiou de nada e aceita logo de imediato a estratégia da separação.



Ruli levava consigo uma tiracolo que continha as roupas dele e do Manoel, atalharam o caminho pela passagem Brasília, e quase chegando na Napoleão Laureano, entraram em um bar de um conhecido, trocaram de roupa e deixaram as que antes vestiam a guarda do dono do bar, Damião.

Era uma tarde da primeira semana do mês de outubro, a cidade de Belém do Pará, estava em festa, pois faltava apenas uma semana para o Círio de Nazaré. Há um grande número de pessoa nas ruas, este movimento facilitou para que os policiais se aproximassem da boca de fumo sem serem percebidos. Osmarito e Catatal que seguiram o caminho mais curto, sem desconfiar da trama dos colegas, estão no bilhar e já se deliciam com uma cerveja gelada.

Os investigadores dão o contorno para chegarem pelo quintal da casa, chegando lá, verificam a presença de dois jovens à porta comprando maconha, acompanhados de mais uma moça, aparentando uns quinze a dezesseis anos de idade (totalmente drogada) encostada na cerca do quintal, de onde há uma pequena porta que dá acesso ao barraco. Um rapaz de uns vinte anos de cor morena, franzino, provavelmente filho do traficante, está vendo os entorpecentes. Logo atrás dos investigadores, caminha mais uma turma de rapazes em direção a boca de fumo. Os dois cautelosamente deixam os rapazes passarem à frente e entram com eles.



O traficante está fazendo a festa. A cidade está cheia de turista e a venda de drogas aumenta bastante. O delinqüente está com uma pequena lata de leite de um quilograma nas mãos, cheia de pacotes contendo cigarro de maconha. Ruli fala para o Manoel ficar por trás para dar a devida cobertura, enquanto ele vai dar o flagrante. Manoel faz a cobertura, procura um local próximo ao portão de saída, posição bem estratégica fechando a saída de todos. Ruli se aproxima do rapaz e pede quatro baseados, o suposto vendedor mete a mão na lata e fala:

– São vinte contos. - Ruli mete as mãos na costa saca do revolver e diz:

É a polícia meu irmazinho, você dançou!

– O rapaz fica pálido, e começa a tremer e grita pelo nome do pai. Os viciados tentam sair, mas Manoel dá voz de prisão a todos e ordena que fiquem sentados no chão. Ruli põem o revólver na cabeça do rapaz e fala:

– Vamos miserável entra que e eu quero ver a cara do teu pai.

– Neste momento o Antônio sapateiro entra na cozinha e suplica ao policial.



- Por favor, abaixa esta arma que nós podemos conversar.
 - Eu não quero conversar contigo filho da puta, põe as mãos para cima e te encosta na parede, tu e este cagão.
 - Antônio se encosta na parede com as mãos para o alto, e Ruli abre bem o compasso das pernas dos dois, até ficarem sem equilíbrio e só com o apoio das mãos na parede. Só então começa a revistá-los: Para o espanto de Ruli, na perna esquerda do Antônio Sapateiro é encontrado um revólver calibre 32, carregado de balas e na cintura do rapaz está um pequeno punhal. Ruli desarma os dois, algema o Antônio sapateiro e o joga no chão. Manoel entra na cozinha da casa e diz:
 - Tudo ok, maninho!
- Tudo ok. – Responde Ruli.
- E o pessoal? - Pergunta Ruli.
 - Deixa comigo, eu arranquei a corda do quintal e dei para um deles amarar os outros e depois amarrei o último. – Respondeu Manoel.



– Tu és foda, mano! Agora me arranja um pedaço de corda para amarra este bicho aí. – Aponta para o filho do traficante.

– Fica frio, maninho, que para ele eu guardei minha algema. - Responde Manoel.

Após manietarem os dois, começou a operação desmonte. Vasculhavam a casa atrás de mais muamba. No quarto nada encontraram, foram para sala, levando sempre os traficantes, desmontaram uma caixa onde se encontrava alguns fardos de charque, e lá no fundo, encontraram dois quilos de maconha prensada. Voltaram com os dois. O Antônio prometia mundos e fundos para sair daquela encrenca, neste momento entram Osmarito e Catatal, quando o Antônio vê o Osmarito suplica.

– Osmarito, pelo amor de Deus, pede a eles para acertar com a gente, diz que nós somos da paz. – Fala o Antônio Sapateiro.

– Cala a boca vagabundo que eu não quero papo contigo. E aí, moçada o que vocês pretendem fazer? -Pergunta Osmarito.

– Mostrar serviço meu caro, mostrar serviço. - Responde Ruli.

– E a moçada que está amarrada lá no quintal também? - Pergunta Catatal.

– Por que não? - Responde Ruli.

– Porque é burrice, eles são apenas maconheiros, e só quem vai ganhar com isso é o Vasconcelos e o Moutrão. - Fala Osmarito.



– Ok! Então Manoel vai com ele e faz a coleta. - Fala o Ruli.

– E nós, cara? - Fala o Antônio Sapateiro.

– Tu tá fudido cara, tu e este cagão. Responde o Ruli.

Os jovens viciados foram todos liberados, a grana deles foi logo repartida entre os policiais. Os dois traficantes foram levados para a delegacia. Chegando lá o Moutrão dá um grande sorriso, e fala:

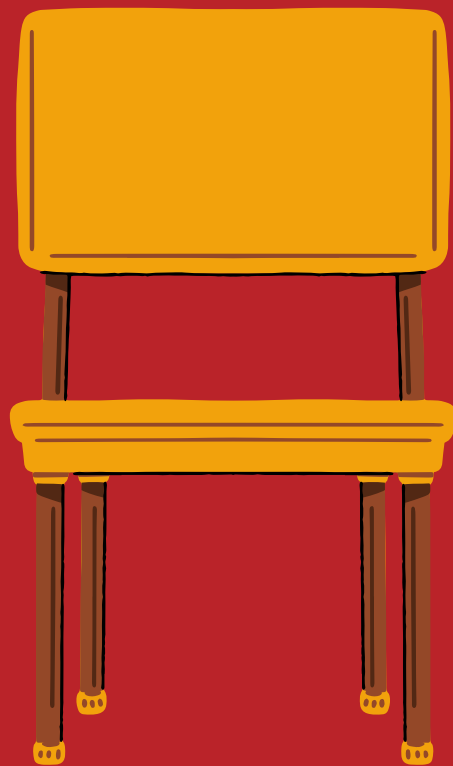
– Que maravilha, vejam o que temos aqui, se não é o Antônio Sapateiro e seu filho, fede a bucho. Isso é simplesmente maravilhoso, marca um início de uma nova polícia. Meus parabéns Osmarito, a você e sua equipe.

–Não me agradeça Moutrão, a prisão dos dois foi tudo uma ação do Ruli e do Manoel, eu e Catatal só demos apoio. Responde Osmarito.

–Beleza! Beleza! Esta delegacia estava mesmo precisando de sangue novo, meus parabéns a vocês.

Em seguida, foi lavrado o flagrante delito e os dois foram transferidos para a DRE, a façanha dos dois policiais veio a baila nos jornais e em toda a corporação. Mas, a alegria durou muito pouco, para a surpresa do quadro policial, após dois meses de reclusão, o Antônio Sapateiro e seu filho já estavam soltos. E Ruli se questionava: - “Onde haverá mais corruptos? Nas delegacias ou nos tribunais?”.

Parte 3



Interrogatório cruzado



A rotina policial continuava, Ruli já era quase que um assessor pessoal do delegado Alcides, que nutria uma grande admiração pelo rapaz, pois além de auxiliar os escrivães nas partes burocráticas, sempre estava fazendo patrulha pelo bairro. Em uma delas, quase é baleado pelo bandido Huck, assim como seus amigos (Manoel, Osmarito e Paulo Bigode).

A equipe estava andando pelas estivas do Tucunduba, quando se aproximavam ao fim da Vila Bom Jesus, foram surpreendidos por tiros em suas direções. A maré tinha pouco tempo de vazante, eles, para se proteger, se jogaram da ponte no chão de lama, só depois levantaram a cabeça para saber de onde vinham as balas. Quando perceberam que os tiros estavam sendo dados de um barraco bem ao final da vila, reagiram imediatamente e começaram a combater o bandido, a vizinhança entrou em pânico. Ao notarem que a munição do bandido havia acabado, tentaram sair do lamaçal, mas, devido ao atoleiro em que se meteram, não tinham como se movimentar rapidamente, e quando conseguiram subir na estiva, o Huck já estava longe.

— Porra cara! olha como estamos. — Falou o Manoel.

— Não esquentar não cara, que nós vamos saber quem foi o filho da puta que aprontou esta para cima de nós. Aí ele vai saber o que é amanhecer com a boca cheia de formiga. — Falou Osmarito que com sua queda havia mergulhado de cabeça no lamaçal.

— Vamos gente, vamos até lá saber quem foi esse filho da puta. - Falou Ruli.



Ruli também estava só lama. Os moradores da redondeza, apesar de estarem assustados com as balas, não deixavam de ter no rosto o ar de galhofa da situação em que se encontravam os policiais. O que ninguém esperava, nem mesmos os policiais, foi a reação furiosa e destruidora que tomou conta deles. Quando entraram no barraco onde o Huck morava, lá só encontram uma senhora de seus sessenta anos, que suplicava para não matarem seu filho de nome Arnaldo – vulgo Huck – pois o mesmo era viciado e estava fora de si. O bandido já estava muito longe dos policiais que não o conheciam. Vasculharam sua casa derrubando tudo o que encontravam pela frente, sem dar a menor importância para a pobre velinha, até que encontram uma foto do indivíduo. A fúria dos policiais era imensurável, e eles destruíram todo o barraco, atiraram no televisor, no motor da geladeira e quebraram a única cama do barraco sob os olhares apavorados de uma pobre senhora que chorava copiosamente, pedindo por clemência aos policiais. Após a destruição, foram embora. Chegaram à delegacia antes das 18h.

O delegado Alcides Vasconcelos ainda se encontrava no local e viu o lastimável estado em que estavam seus policiais: todos fedendo a lama. Eles deram suas versões dos fatos, inclusive do que haviam feito na casa do bandido. Ele, por sua vez, deu total apoio àquele ato de vandalismo, pois na sua concepção de policial, bandido tem que respeitar polícia, e tudo o que seus policiais fizeram nada mais foi, do que uma resposta à altura àquela atitude do marginal, mostrando assim a força policial.



A comunidade do Tucunduba ficou revoltada com a atitude cruel dos policiais, e foram até a Corregedoria de Polícia dar queixa. O delegado Alcides foi chamado para dar explicações da ação dos seus policiais. Usou de todo o seu prestígio e influência junto ao corregedor e ao secretário de polícia, e tudo foi arquivado e esquecido.

Naquela época, os policiais levavam uma ampla vantagem sobre os militantes de defesa dos direitos humanos, pois o Brasil estava em plena ditadura militar.

Passado o episódio, os policiais começaram a fazer diligências seguidas por aquela área, pois haviam jurado de morte o bandido Huck. Este, desconfiado que sua vida estava por um fio, tomou a sábia providência de sumir do bairro.

Em uma dessas diligências pelo bairro, quem não levou sorte foi o assaltante Curupira. Era um bandido de alta periculosidade. Suas características mantinham a seguinte rotina: costumava ficar nas esquinas das ruas pouco movimentadas e de bairros próximos ao do Guamá. De tocaia praticava os assaltos à mão armada. Essa prática ainda é muito comum entre os assaltantes de rua, praticam sempre roubo em outros bairros que não são os seus de origem. Esta técnica criminosa é baseada no fato de que, não sendo o bandido daquela área, fica muito mais difícil o seu reconhecimento por suas vítimas e até mesmo pelos próprios policiais do bairro.

Os investigadores vinham de uma de suas diligências pelas baixadas do rio Tucunduba usando o esquema de disfarce, que estava dando certo nas operações de estourar as bocas-de-fumo dos bairros sobre sua jurisdição. O grupo empolgado, rotineiramente passava a sair da delegacia já disfarçado. Essa nova postura garantiu à equipe um fabuloso prestígio junto à corporação. Tornaram-se peritos em abordagens surpresas e no combate a marginais.



Nesse dia caminhavam por cima das estivas da passagem Liberato de Castro, quando de repente perceberam dois rapazes que vinham em sua direção, e resolveram sem mais nem menos, dar meia volta de seu destino em passos muito ligeiros. Ruli que estava à frente da equipe desconfiou da atitude e correu na estiva rumo aos dois. Um deles disparou na carreira, e o outro, mais lento, foi alcançado pelo policial que, com a arma engatilhada, dá voz de prisão. O suspeito, vendo que não tinha com escapar tentava desesperadamente se livrar da peixeira que carregava na cintura. Os dois ficam, então frente a frente, um com o revolver nas mãos e o outro com uma peixeira, fica empalidecido aguardando o seu fim. Manoel e Osmarito gritam:

- Apaga com ele, vamos!
- Mas Ruli não tem a coragem de matar o marginal, ordena que ele jogue a peixeira no chão e neste momento o Manoel e o Osmarito se aproximam e algemam o marginal.
- Porra cara, por que tu não apagou com ele? - Falou o Manoel.
- Tinha muita gente vendo. - Ruli dá uma desculpa desconcertada para não passar por medroso junto ao grupo.
- Mas ele tentou sacar uma peixeira bicho para te matar, essa gente que está na janela toda viu o bandido com a faca na mão, e ninguém gosta de bandido porra, ah! Se fosse eu que tivesse pego este filho da puta! - Fala Manoel.
- Não esquenta Ruli. O importante é que esse safado está preso. E não te preocupa em matar ninguém, pois tu és linha de frente, e fatalmente vai chegar àquela hora em que tu não vais ter de pensar duas vezes para matar um bandido. Porque bicho, vai ser tu ou ele. - Falou Osmarito.



Manoel junta a peixeira do chão (de 50cm de lâmina) e começa a bater com a mesma na costa do preso:

- O safado! Qual é o teu nome?
- Edson, doutor: Responde o moço.
- Filho de uma puta! Eu não quero saber do nome que a puta da tua mãe te deu. Eu quero saber o teu nome na malandragem. – Enfurecido, Manoel aplica um telefone na cabeça do rapaz que fica zozzo.
- É Curupira, doutor. - Falou o marginal.
- Agora sim tu respondeu direito. Falou o policial Manoel.
- Então, és tu o famoso Curupira? - Pergunta Osmarito.
- Tu ias para o bairro do Canudos, assaltar por lá né, safado? - Fala o Ruli.
- Não doutor eu ia tentar fazer um bico na feira. – Responde o Curupira.
- Qual é porra! Que bico esses no fim de tarde, no final da feira, tu tá pensando que a gente é mané? - Fala o Manoel.
- Não doutor, longe de mim querer enganar as autoridades. - Ele falava baixo quase sem voz parecendo um cordeirinho.
- E a imensa desta peixeira, que tu carregavas na cintura filho da puta, era bem para limpar a unha da puta que ti pariu. - Fala o Osmarito.

Os policiaes tinham a mania de fazer perguntas sempre alternadamente, como se estivessem interrogando alguém, usando a técnica do interrogatório cruzado, que consiste em várias pessoas, fazendo perguntas ao mesmo tempo, a um só elemento, sem dar tempo ao mesmo de raciocinar sobre a próxima resposta, deixando atordoado a pessoa interrogada. Em caso de mentira, vão surgindo as contradições que vão deixando o mentiroso cada vez mais complicado.



Ao chegarem à delegacia, entregaram o preso ao comissário Moutrão, que o recolheu na cela para mais tarde interrogá-lo. Como a equipe que o trouxe era da manhã, achou por bem deixar o preso ao encargo do delegado Alcides Vasconcelos.

No outro dia, a mãe do Curupira estava cedo na delegacia. Mal o delegado entrou, ela pediu para falar com ele, porém a velha raposa deixou a mulher horas a fio esperando. Tomou pé do ocorrido e solicitou ao SIP (Serviço de Informações Policial) tudo sobre a vida do Curupira, e obter informações preciosas sobre o bandido, tais como: quantas passagens nas delegacias, se o mesmo já possuía alguma condenação, quais os tipos de assalto costumava praticar. Com isso ficou sabendo que o mesmo estava a menos de dois meses de liberdade condicional, e que há dois anos havia sido condenado por assaltar a mão armada uma sorveteria no bairro da Cremação, e foi preso em flagrante delito por uma guarnição da PM.

Após receber todas essas informações, sabia que com qualquer notificação ao judiciário o marginal perderia a liberdade, então resolveu receber a mulher. Como a única acusação que continha contra o Curupira era o porte de arma branca, ele resolveu ganhar uma grana para liberar o rapaz. Aproveitando-se da situação, extorquiu no que pode da mãe do marginal, que pagou caro pela liberdade do filho e desta vez não deu um tostão sequer para sua equipe.

Porra, sacanagem do delegado! Não deu porra nenhuma para os fudidos, que arriscam a vida para mostrar serviço, e esse porra enche o bolso de dinheiro com o suor de nosso couro. Agora vai gastar com as cocotas do star blus. E nós ficamos aqui batendo punheta porra! Não tá certo isso. - Fala Manuel ao Osmarito.



– Não esquentar cara, que apesar de ser bocudo, quando tem bronca com a gente ele segura legal. Olha porra, quando tu e o Ruli pararem de ser paladinos da lei, eu mostro a vocês como é que se ganha dinheiro. - Fala Osmarito.

– É bicho! Eu na próxima saída, vou andar só contigo e tu vais me ensinar o caminho da roça. O Ruli não quer fazer acerto na rua, porque ele já se dá bem aí com o delega, ele nunca tá sem grana e eu até agora só peguei mixaria. - Falou Manoel.

A partir daquele dia Osmarito e Manoel, tornaram-se parceiros inseparáveis, vez por outra, no meio do expediente, sumiam da delegacia para fazer o que no jargão policial chama-se de catação, (prática de extorsão, através de coleta pelo bairros, em pontos de comércio ilícitos, tais como: banca de jogos, bocas de fumo, cabarés sem licença e etc.).



Ruli sabia que o amigo Manoel havia se corrompido. Lamentava muito o fato, mas tinha a consciência de que é muito difícil para um ser humano evitar a tentação de ganhar um dinheiro a mais, principalmente em um ambiente de corrupção como o de uma delegacia de polícia. Ele não queria fazer parte dos policiais que praticam a extorsão para facilitar a vida de bandido. Preferiu ficar do lado do Paulo Bigode e do Moutrão que, apesar de não serem nenhum bom exemplo de honestidade, como ninguém naquela delegacia o era, não viviam fazendo acerto com marginais pelas ruas.

Em uma segunda-feira, Ruli e Paulo Bigode estavam na delegacia por volta de umas nove horas da manhã e Osmarito e Manoel haviam saído com o motorista Pardal, para entregar alguma intimações. Foi quando o delgado Alcides Vasconcelos chamou os investigadores a sua sala, e só se apresentaram Paulo Bigode e Ruli.



- Onde está o resto da equipe? – Pergunta o delegado.
- Foram entregar notificação. - Respondeu Paulo.
- Caralho! Logo agora que eu estou precisando de todo mundo. Passa um rádio urgente para eles retornarem.
- Desculpa delegado, mas eu acho que o Vadinho não lhe informou que nossa viatura está sem rádio, e que ele foi levado para o concerto. - Responde o Ruli.
- Puta que pariu! Eu havia esquecido deste detalhe.
- Mas o que é delegado, nós dois não podemos dar conta? – Perguntou o Bigode.
- Eu acho muito perigoso, mandar só dois policiais a uma missão tão arriscada como essa. - Falou o delegado.
- O senhor pode nos falar qual é a parada? – Falou o Bigode.
- Claro que posso, tu conheces o Fura Olho, não?
- Claro que sim, foi aquele bandido que além de assaltar a estudante do colégio Augusto Meira, ainda por pura maldade, furou um dos olhos da moça. – Falou o Bigode.



– É ele mesmo, e eu acredito que tu também conheces o pistoleiro Washington. Filho bastardo, daquele Juiz filho da puta, que toda vez que a gente põe a mão nele, o veadão vem que nem gavião soltar o canalha. – Fala o delegado.

– Eu sei quem são os dois. - Responde o Bigode.

– Pois é, eles estão de parceria. O Fura Olho, está há cinco anos foragido do presídio São José, e esteve por muito tempo arrombando imóveis na Vila do Mosqueiro, agora parece que está de volta ao bairro. Eu acabei de receber uma denúncia de alguém que diz morar na Vinte de Fevereiro, bem em frente à casa do pistoleiro e conhece ambos. Ele afirma que neste momento os dois estão lá, o pistoleiro está na rua e o Fura Olho em uma casa abandonada que fica ao lado da casa do Washington. E eu queria sinceramente ver estes dois filhos da puta na cadeia, e não há tempo a perder. - Falou o delegado.

– Delegado, se o senhor não se importar, eu e o Ruli podemos ir lá, e se der a gente põe as mãos nos dois. Tá certo?



— Não sei, é uma missão muito perigosa, são dois bandidos da pesada e acostumados a lidar com situações de perigo e vocês são apenas dois, sendo que o Ruli é muito inexperiente. - Responde temeroso o delegado.

— Delegado, eu fui treinado para estas situações, e confesso que já estou a oito meses nesta delegacia esperando por esse momento. Por favor, deixe a gente ir e o senhor não vai se arrepender. - Responde Ruli.

— Espero que não, pois não gostaria de perder nenhum de meus bons policiais. Paulo Bigode, se você sentir que não dá para abordar os dois, por favor, não aborde. O Washington não é homem de um segundo tiro, portanto, vão, mas muito cuidado. Logo que a equipe chegar, eu mando reforço. Autoriza o delegado.

Os dois saíram da delegacia às pressas, e quando chegaram à esquina da Trav. Vinte de Fevereiro com a passagem Popular, Paulo Bigode pára e dá orientações ao Ruli.



— Nós vamos entrar aqui nesta taberna e daqui eu vou primeiro olhar para identificar os dois, depois vou te descrever um a um. E tu trata de memorizar bem a fisionomia e a roupa que eles estão trajando, porque na hora da abordagem a gente não pode falhar, se falhar pode virar presunto. - Falou o Bigode.

Paulo Bigode olha da porta da taberna e vê o ambiente, há na ocasião um grupo de quatro jovens brincando de peru com uma bola, há também duas pessoas sentadas na borda de uma calçada, um deles é o pistoleiro Washington, está vestido com uma camiseta do Payssandu Esporte Club. Bigode não vê o Fura Olho, descreve o quadro para Ruli, ele vai até a porta da taverna, grava bem a fisionomia de Washington. Ele está sentado, não dá para ver se está armado, tem cabelos grandes e barba mal feita.

— Ok, Bigode! Eu já identifiquei o homem, e agora como é que a gente vai abordá-lo? - Pergunta Ruli.



– Tu vais na frente, ele não te conhece, tu és novo no pedaço, quando tu estiveres a uma boa distância eu saio, pois quando ele perceber a minha presença, tu já vais estar em cima dele com o trabuco na mão. Eu estarei de anjo, se o Fura Olho aparecer eu queimo ele onde ele estiver, ok. - Falou o Bigode.

Ok! Então vamos lá. - Falou o Ruli.

Ruli sai andando. O marginal o percebe mas não desconfia que seja um tira, Paulo bigode depois de uns trinta metros de distância do Ruli sai. Quando Ruli passa a frente do pistoleiro, percebe que o amigo do lado dele diz:

– Olha quem vêm ali. – referindo-se ao Paulo Bigode;

Neste momento, Ruli já havia passado uns dois passos à frente do pistoleiro, dá meia volta, já com a arma em punho, não dando a menor chance de reação ao marginal.

– Polícia! Ponham as mãos na cabeça os dois, rápido, rápido ou vão virar presunto. -
Dá voz de prisão o Ruli.

O pistoleiro não reage, Ruli empurra os dois de costa para a parede, Paulo Bigode saca a arma e corre para ajudar o parceiro. Os jovens que estavam brincando de bola correm para suas casas assustados. Ruli algema o pistoleiro e o jovem que estava ao lado de Washington, que treme mais que vara verde. O rapaz pergunta aflito, porque está sendo preso, Paulo Bigode, fala:



– Cala a boca filho da puta! Não responde nada, e enfia o revólver no rosto do pistoleiro Washington .

– Onde tá o Fura! Onde tá o Fura, caralho! – agitado fala o Ruli.

– Calma, calma! Eu entrego ele. - Responde o pistoleiro.

– Ele tá nesta casa velha, não é? - Fala Paulo Bigode.

– É, mas é melhor entrar pelo fundo que não tem porta, ele está lá dentro dormindo. - Fala o pistoleiro.

Os policiais entram na casa abandonada, Paulo Bigode na frente, Ruli com o Woahington, sempre com o revólver apontado em sua cabeça, o outro rapaz fica no corredor da casa do pistoleiro. A ação foi muito rápida, Paulo Bigode chega perto da rede onde o Fura Olho encontra-se deitado. Ele está só de cueca, Bigode sente uma vontade imensa de liquidá-lo, mas não o faz, sadicamente encosta o cano de seu revólver frio, nos escrotos do bandido, e diz:



— Acorda, vagabundo, que chegou tua hora.

Ele acorda todo assustado e não reage. Ruli entra na casa com o Washington, aponta o revólver para o Fura Olho que está com as mão na cabeça. Paulo Bigode joga uma calça para ele se vestir e em seguida o algema.

O quarto em que o bandido estava dormindo está cheio de bagulho, quatro aparelhos de som três em um, uma pilha de discos, dois revólveres calibre 38, uma pistola automática 45 e duas dúzias de caixas de balas dun-dun, duas bicicletas e mais uma grande quantidade de objetos de pequeno valor, tais como: liquidificador, ventilador, rádios, roupas etc. A mãe do rapaz que estava falando na calçada com o pistoleiro, chega aos prantos querendo que o filho seja liberado, os dois dizem para ela se afastar e consultar um bom advogado, pois todos serão levados para a delegacia e lá quem nada tiver a dever será liberado.



Paulo Bigode, põe todo mundo para fora da casa, quer ficar sozinho com o Ruli e diz:

– Olha Ruli eu vou ficar com esta pistola para mim e tu trata de escolher um desses revólveres 38 para ti, põe na tua cintura que este dois não vão fazer parte da muamba apreendida, ok. - Fala o Bigode.

– Ok maninho tudo bem. – Ruli gosta da idéia, pois todo policial que se presa sempre tem duas armas a oficial, registrada e tudo, e a das broncas. Ele agora possui as suas.

– Agora tu vaz até a delegacia, avisa que saiu tudo ok, e traz o furgão para agente levar toda essa bagulhada, porque se deixarmos aqui, tudo vai sumir rapidinho. - Fala o Bigode.

Ruli sai da casa. A rua está cheia de curiosos que desejam saber o que se passa. Ele, com o ar de herói grita para a multidão se afastar. Quando vai saindo do pátio escuta a sirene do furgão. A porta da frente da casa é arrombada e os três saem algemados.

O pistoleiro parece que não era bem quisto na rua, pois a multidão aplaudiu os policiais.

Eles foram encaminhados para a delegacia. O delegado é entrevistado, recebendo todos os elogios pela ação de seus policia. Ruli está em estado de graça, por onde chega os colegas perguntam como foi que ele rendeu o pistoleiro e o Fura Olho. Lógico que a história é um pouco mais cheia de floreado. Este fato mexeu com a vaidade dos demais e elevou o alto estima do grupo, que nesta semana prenderam mais alguns bandidos: o Nego Velha, o Curubinha, o Pé de Bicho. A população do Guamá agradeceu.



O delegado tinha por costume, sempre antes de interrogar alguém, solicitar a ficha de cada um ao SIP (Serviço de Informações Policiais) e só depois os levava ao interrogatório, geralmente pelo turno da noite depois das duas horas da manhã, pois se houvesse necessidade de algum excesso dificilmente alguém escutaria.

Após dois dias, a ficha dos três estava nas mãos do delegado. O rapaz apanhado conversando com o Washington não tinha passagem pela polícia. O pistoleiro está respondendo a algumas broncas em Capanema, mais em liberdade, o Fura Olho estava foragido do presídio há dois anos, e sobre ele pesavam várias acusações de arrombamentos de casas, principalmente na Ilha do Mosqueiro. A família do Washington já havia se movimentado para tentar retirá-lo da prisão, porém o Juiz (seu pai) estava participando de um congresso no Rio Grande do Sul e sua esposa atual detestava o filho bastardo, e não fez nada para ajudar, a mãe do Washington, sem dinheiro e sem o apoio do remoçado pai, não conseguia livrar o filho das garras do Alcides Vasconcelos que o mantinha preso com a alegação de que havia necessidade de averiguação das denúncias de assalto. Como tinha prestígio com os diretores da corporação, foi levado na sexta-feira a noite para interrogatório - o famoso sapeca ai, ai ou seja murros, pontapés e tapas - como os demais bandidos.



O delegado nomeou como chefe da equipe de interrogatório, o policial Paulo Bigode. Ele convocou Osmarito, Ruli, Manoel e Romião para auxiliá-lo no serviço. Às duas horas da manhã da sexta-feira ele começa o interrogatório:

– Olha, gente, o negócio é o seguinte, ninguém aqui vai alisar ninguém, porém a um regra a ser seguida. - Falou Paulo Bigode.

– Qual? - Todos argumentaram com curiosidade.

– Ninguém deve bater no rosto do interrogado e nem nos culhões, pois estes lugares são logo observados pelos repórteres, filhos da putas e militantes veados das ONGs de direitos humanos. Eles só querem um pé para infernizar a vida da polícia, ok!

– Ok! - Todos respondem.

– Nós sabemos que os repórteres, são todos falsos e sujos. Também sabemos, o quanto eles ganham dinheiro com extorsão praticadas a infratores, principalmente se estes são empresários, e que a notícia a ser divulgada, só depende do bolço do filho da puta, se não tiver dinheiro, tá fudido, nos programas de rádio, televisão e jornal. Então gente, cuidado, o Aramor e o Itaro, são os reporteres de caderno po-



licial, safados que se pode imaginar, principalmente quanto a prática de extorsão e a chantagens contra polícias para tê-los em suas mãos. Quando têm o policial sobre controle, podem conseguir informações a custo zero. Agora, Ruli e Osmarito vão buscar o Washington, que eu quero ver até que ponto ele é macho mesmo. - Falou Paulo Bigode.

Os dois vão até o xadrez e acendem a luz da cela. Os presos se assustam, há um silêncio mórbido, pois todos sabem das práticas de tortura utilizadas no período da noite. Miguel chama o pistoleiro, ele se levanta mantendo seu olhar frio e sereno. Os policiais usam de toda a cautela, um ordena que ele ponha a mão na cabeça, o encosta na parede sob a mira de Ruli, e Osmarito o algema com as mãos para frente. Ele é levado para o barracão ao lado da delegacia. Passam na frente da sala onde está o Moutrão, que fala:



– Olha, filho da puta! Vê se não vai gritar muito que eu não gosto de barulho quando estou dormindo;

Washington é frio e olha sério para o policial. Imediatamente, Osmarito vem por traz e lhe aplica uma bofetada dizendo:

– Baixa esta tua crista, vagabundo, quando encarar uma autoridade.

O pistoleiro baixa a cabeça e segue em passos lentos até o barracão. Na sala de interrogatório, havia uma palmatória de 60 cm de cabo, uns 10 cm de circunferência, 5 cm de espessura, com um pequeno orifício no centro de seu raio, para chupar o sangue do sujeito. Eles a chamavam de interrogatório cruzado - fazendo deboche das aulas técnicas que haviam aprendido na ACPOL - havia também uma cadeira velha onde sentavam os presos. A novidade da noite ficou pela zombaria de Ruli, que ao remexer as roupas roubadas pelo Fura Olho, encontrou uma batina secular de padre . Ele então a veste e vai interrogar os bandidos como se fosse um sacerdote. A cada pergunta mal respondida pelo interrogado, a palmatória cantava no peito ou na mão do indivíduo - coisa animalesca mesmo - eles sabiam as técnicas e no começo dos interrogatórios a usavam, porém a cada contradição do marginal era massacrado e assim começou o interrogatório, ou o “massacre” do Washington:

– Meu amado filho, hoje você vai ter a grande oportunidade de sua vida, para salvar esta tua pobre e imunda alma. E eu estou aqui, para te purificar. O! Infame criatura. Agora conta-me, sem mentir, desde quando tu estás assaltando neste bairro? - Perguntou Ruli, e os outros riem.



- Eu não sou ladrão meu senhor. - Fala o pistoleiro.
- Então porque tu escondias o Fura Olho. - Replica o Ruli.
- Eu não escondia ninguém, cara. - Falou o infeliz do pistoleiro.

Neste momento recebe uma violenta pancada com a palmatória no peito, dada pelo Paulo Bigode, com todo um gosto de vingança, pelas vezes anteriores em que esteve preso, e seu pai o livrou das garras da lei, por ter deixado muitas vezes os policiais respondendo sindicâncias administrativas e etc.

O pistoleiro era arruaceiro, pesava sobre sua costa algumas suspeitas de crimes no bairro, mas ninguém queria testemunhar contra ele, por vários motivos, entre eles, o de ser filho bastardo de um juiz que o libertava sempre, o outro e mais perigoso ele era um assassino impiedoso e vingativo. Não seria fácil achar uma testemunha nessa situação.

A pancada é tão violenta que o interrogado fica sem ar.

– Filho de uma puta! Tu não respeita uma autoridade, canalha! Cara é a puta que te pariu. - Fala Paulo Bigode.

– Escuta aqui, safado, se tu não o escondia, porque a porta de acesso a casa abandonada era pelo teu quintal? – Questionou Manoel.

Ele ainda está meio tonto, mais sabe que não pode demorar a responder, sobe pena de uma nova agressão violenta, então responde rapidamente.

– Ora autoridade ele pulava a cerca e se escondia lá, como nós o conhecíamos e sabíamos que era perigoso, ficávamos com medo.



Nessa hora os policiais riram do jeito dele. Ele foi jogado imediatamente ao chão, chutado várias vezes até se defecar todo.

– Filho da puta, hoje tu vais levar o caralho aqui, seu porra, ou tu pensas que nós não sabemos que és um pistoleiro frio, e age lá de Capanema, e que tens vários trabalhos feitos para o fazendeiro Josimario?

Então o pistoleiro entendeu que era dia de coça, não importava que ele respondesse, iria apanhar muito.

– Agora, filho de uma vaca, tu vás nos contar desde quando tu anda assaltando com o fura e quem são os bagulheiros que estão comprando as muambas de vocês. Ou então, tu vais virar pasta de bosta, tás entendendo? – Fala o Paulo bigode.

– Eu juro que só assaltei com ele uma vez e foi um relógio. Eu conheço o fura desde criança, nós fomos criados na mesma rua, e foi por isso que eu não o entreguei quando ele procurou abrigo na casa abandonada ao lado da minha. – Responde o pistoleiro chorando

– É, já está melhorando a tua memória. Tu até já lembraste que praticaste um assalto. E aonde foi que tua enfiaste o produto do furto? – Pergunta Ruli.

– Eu sou viciado e vendi o bobo para o bicheiro lá da esquina do mercado, o nome dele é João. - Dá o serviço o Pistoleiro.

– O tempo está curto para muitos interrogados, portanto eu proponho que ele seja levado ao Nano Castro para ser tomado em depoimento, e o Romião fica lá para ver se ele vai confirmar tudo que nos contou, o Ruli e o Manoel vão até o xadrez trazer o Fura. – Falou Paulo Bigode.



O pistoleiro é levado até o escrivão e quando passam à frente da sala do Moutrão ele diz.

– Mais tu é frouxo, filho da puta! E eu que pensava que tu eras mais macho que os outros. – O marginal nem consegue erguer sua cabeça ao comissário.

Na cela, o Fura Olho aguarda tenso a sua vez. Do lugar onde se encontrava podia ouvir os gritos do Washington. Sabia que o pistoleiro tinha a proteção de seu pai e mesmo assim havia entrado no sapeca hiá, hiá. Estava esperando o pior. No caminho para o barracão vê sentado, humilhado, cabisbaixo, prestando depoimento ao Nano Castro, seu amigo (quase irmão). Ficou imaginado o que ele havia falado aos policiais diante de tanta pressão, tinha consciência de que o comparsa nunca havia levado uma surra dessa em sua vida. Os tempos de marginalidade deram-lhe a experiência desses massacres em delegacias. As lembranças horríveis que o tornaram cada vez mais embrutecido vinham a sua memória, e não o deixavam raciocinar direito. Urgia que ele começasse a criar mentalmente uma maneira de falar o menos possível, sem revelar grandes coisas e prejudicar seus receptadores, pois, se delatasse alguns estaria com sua morte decretada, então deveria denunciar o mínimo possível, e nunca os grandes receptadores, e chegar a proeza de não apanhar muito, porque apanhar, era inevitável.

Começa tudo de novo Ruli:

– O filho das trevas! Este momento de luz será inesquecível aos teus olhos, pois chegou a ti, filho perdido, a salvação, se confessares tudo, te serão perdoados os pecados. Os policiais riem do sadismo de Ruli.



— Quanto tempo em Fura! A última vez tu só não levaste o thelo porque estavas com uma criança de refém. Chegou o pessoal da reportagem, e o presidente da OAB, que te livraram a cara, e tu foste direto para o casarão, tu levaste muita largura naquele dia, quanto tempo mesmo? – Começa a perguntar Paulo Bigode.

— Quatro anos. - Responde o marginal.

— Eu te tive todo indefeso, deitado em uma rede, roncado, podia até ter feito a coisa certa, te despachava tranquilo, mas, como eu sou um sujeito de bom coração, librei tua cara. Porque também sabia que tu és um cara inteligente e não vai querer entrar no sapeca hiá, hiá. Correto?

— Correto, autoridade. - Responde o Fura Olho.

—Então vamos lá, Fura. Começa o vomitório. - Fala Paulo Bigode.

O marginal começa a entregar os objetos roubados, faz uma boa listagem de discos, liqüidificadores, rádios, roupas, rádio relógios, ferro de passar. E em seguida fala o nome de alguns bagulheiros bem pobrezinhos ainda iniciantes.



Neste momento o Ruli pega a palmatória e fala:

— Menino malcriado, omitindo muita coisa, na presença de pessoas tão santas como nós, estica as mãos, vai apanhar, para purgar teus pecados.

O bandido estica as mãos algemadas e Ruli aplica-lhe uma série de quatro violentos bolos, dois em cada mão. Romião e Manoel não entendem o porquê. Paulo Bigode percebe e ri, esperando a reação do marginal, em quanto Ruli prossegue.

— Sai, sataná, do corpo deste irmão, para que ele possa falar. Fala, filho da puta! E aplica-lhe um ponta pé no meio do peito.

— Eu não tenho mais nada para entregar autoridade. - Responde o Fura Olho.

— Filho da puta! Tu continuas a mentir a esta santidade, pois bem filho das trevas, és tu mesmo que estás pedindo. - Fala furioso o Ruli.



Neste momento aplica uma violenta pancada com a palmatória no peito do Fura Olho, este cai da cadeira rolando de dor no chão. Ao recuperar o fôlego, mesmo algemado, tenta uma reação contra Ruli. E por este movimento, pagou muito caro os seus “pecados”. A turma de abutre que o cercava, aplica-lhe uma impiedosa surra de socos e pontapés durante uns cinco minutos; O Fura Olho fica desfalecido no chão. Então o Paulo Bigode pega um balde de água que estava no canto da sala e joga na cabeça do marginal que vai recuperando os sentidos, e pergunta.

– Agora, filho da puta, tu já viste que não estás falando com babaca, começa a falar para quem tu vendeste os bagulhos pesados, onde estão as televisões a cores, os sons modernos, os refrigeradores. Quais os nomes dos bagulheiros pesados, porra?

O Fura Olho, ainda tonto, começa a entregar três televisores a cores, mais cinco aparelhos de som, duas geladeiras e dois friseres, além dos nomes de dois comerciantes, um de mosqueiro e outro de Icoaraci. Neste momento, o Paulo Bigode pergunta onde ocorreram os arrombamentos e o nome dos comparsas. Ele cita o Nego Téó, o Tambá e um motorista de caminhão. (de apelido Culhão) – era rendido – que fazia ponto no entroncamento.



Logo em seguida o policial tira uma lista do bolso nela estão contidos arrombamentos ocorridos na Ilha do Mosqueiro nos últimos dois anos, foram setenta, e os policiais sabiam que a maioria foram praticados pelos homens citados. A maioria das vítimas, eram proprietários de casas de veraneio. É muito comum nessas propriedades, haver pouca ou nenhuma segurança, facilitando a ação dos marginais quando ocorre o arrombamento. O prejuízo normalmente é total. As vítimas só iam saber uma ou duas semanas depois do ocorrido, quando nada mais se podia fazer. Prestavam a devida ocorrência policial e ficavam com o prejuízo. Há ainda os que não acreditavam na ação policial e, por descrédito na corporação não davam queixa na polícia.

— Bem Fura! Tu tá vendo a listagem. E nós sabemos que a maioria dos assaltos foi feito pela tua gangue, além do que, em dois dos assaltos, os vigilantes das mansões da ilha foram mortos. Sabemos que haviam outros grupos, mas os barras pesadas eram vocês. - Fala Manoel.



O Paulo Bigode guarda em segredo que ele e o Nego Téó haviam sido identificados por um outro vigilante da casa ao lado, que no momento do assalto estava na casa com o amigo e se escondeu no porão da escada quando ouviu os tiros e de lá pôde ver os assaltantes.

Para não cair nas mãos dos policiais da DCCP (Divisão de Crime Contra a Pessoa), o Fura Olho começa a entregar mais bagulhos, e desta vez o nome de dois grandes comerciantes de Belém que, segundo o bandido, compravam furto e vendiam armas e munição para a malandragem. Uma era o Aleimar e outro Rabeicho. Em todo o interrogatório o fura não entregou seu parceiro Washington.

Osmarito sente um mal cheiro quando o Fura Olho se levanta:

– Tu cagou miserável!

E ele balança a cabeça que sim. O horário já é avançado são quase cinco da manhã quando o bandido é levado para o Nano Castro pegar seu depoimento, Manoel pergunta se ainda irão interrogar o Nego Velha. Paulo Bigode diz:

– Não, cara, já há movimento na rua e neguinho gritando sempre pega mal. É melhor deixarmos o Nego Velha para amanhã.



Os policiais vão dormir um pouco, pois sabem que no dia seguinte terão uma série de diligência a fazer. Nos quais terão que recuperar os objetos roubados e prender receptadores de furtos. O Vadinho e os outros escrivães iriam ter muito trabalho, sabiam que teriam de preparar um bando de buscas, apreensões, notificações e mandatos de prisões - para os que se recusassem a acompanhar os policiais - e colher muitos depoimentos na delegacia. Não deveriam dar tempo aos indiciados de constituírem advogado. A coisa, para dar certo, só tinha um jeito, e era pegar os infratores de surpresa, levar até a delegacia e, no impacto do susto, pegar os depoimentos dos indiciados, que estão abalados psicologicamente, deixando que eles mesmos se enrolem.

Foi realmente um dia de festa, com os mandatos de busca e apreensão. Os policiais entram nas casas dos acusados e tudo que era objeto de valor e que não possuía nota fiscal era apreendido. Na casa dos empresários a coisa foi mais devagar, foram apenas notificados, pois os policiais sabiam que eram ardilosos e que provavelmente, deviam ter locais adequados para guardar os objetos e, não seria nas suas casas. Tinham dinheiro e prestígio no Estado e isso complicava a ação policial. O delegado Alcides Vasconcelos preferiu passar as informações colhidas ao delegado da especializada, para tentar desbancar tais sujeitos pois tinham mais investigadores a suas disposição e a velha raposa tinha razão novamente. Três meses depois, o delegado Betolino desbancava toda a quadrilha do Rebeço e descobria um grande arsenal de armas contrabandeadas.



Os policiais conseguiram conduzir até a delegacia cinco bagulheiros. E o mais importante, na casa de três deles, havia um verdadeiro estoque de produtos roubados.

A festa foi grande, os bagulheiros gastaram um grana alta para o Alcides Vasconcelos não complicar suas vidas. Foram liberados depois de pagamentos em espécie de vasta quantia aos policiais. Deste montante foi dada uma pequena importância em dinheiro aos investigadores. Eles, é lógico, ficaram revoltados. Sabiam da quantidade de dinheiro que o delegado havia recebido para não abrir o competente inquérito policial. Contudo ainda havia algumas outras diligências a serem feitas. E eles as fizeram, porém os bagulheiros encontrados não puseram os pés na delegacia, os policiais, ao descobrirem produtos roubados, acertavam logo a liberdade dos acusados, e quando chagavam na delegacia, diziam que não encontraram ninguém. Esta malandragem policial deixou o delegado Vasconcelos aborrecidíssimo. E, assim como dizia Paulo Bigode, “o caminho da roça começava a ser aprendido”.

Parte 4



Premonição



Vivendo uma vida completamente sem medidas, Ruli agora já está com seus 27 anos, é um policial linha de frente, com vários processos criminais para responder, muitos deles por assassinato, outros por abuso de poder, porém alegava em todos, o legítimo cumprimento do dever. Na polícia um herói, para os defensores dos direitos humanos, um assassino frio e calculista.

Entre os amigos é uma pessoa bastante extrovertida, gosta de ouvir músicas, dançar, por ser amante do samba, principalmente do samba de raiz. Quando exagerava na bebida sua personalidade se transforma, tornava-se uma pessoa, agressiva e insuportável, por esse motivo muitos amigos se afastaram dele. Mas mesmo com esse grave defeito, continuava a ser uma pessoa muito carismática. No meio policial é uma líder de bem com a vida, brincalhão e grande gozador, só mudava de comportamento quando em missão. Nesse momento transforma-se em um verdadeiro guerreiro. Tem um faro canino e é possuidor de um raciocínio muito rápido, portanto bastante astucioso. Além disso, o privilégio de contar com o dom da intuição para soluções de casos intrigantes. Sempre se destacava entre os amigos, seu revólver ele mantinha bem conservado, tendo-o como um parceiro inseparável.

Ruli possuía uma brilhante pontaria e a capacidade de atirar com as duas mãos, coisa rara em um policial. Sua equipe agora era formada pelos investigadores: Ró, Meneses, Lopes e Bigode. Todos muito temidos entre a malandragem. Não tinham escrúpulos, quando havia chance, praticavam a extorsão, acobertado muita das vezes por delegados de polícia.



Já possuía carro, muitas amantes. Era um tira no sentido completo da palavra, portanto, e só bem quisto pela família. Uma vez estava na delegacia quando dois policiais militares apareceram e chamaram em particular o Ró, tiveram um longa conversa e Ruli só ficou de soslaio a observá-los, pois não gostava de participar de ações com PM. Algumas horas mais tarde o Meneses chamou a Ruli.

– Cara tenho uma bocada das grandes para nós.

– Se é lance bom, abre logo, porra! - Falou o Ruli.

– Sabe aqueles dois mata cachorro que estiveram aqui e levaram aquele lero comigo? - Perguntou Ró.

– Sim eu vi.

– Pois é eles levantaram um grande carregamento de cocaína, coisa da pesada mesmo, e vieram me convidar para participar de um estouro. - Fala Ró.

– Porra, cara! PM não, né bicho! Com esses caras sempre pinta sujeira, eles são muito apavorados e gananciosos. - Retrucou Ruli.

– Não te preocupa eu os conheço desde minha infância, são caras legais. Tu topas essa? - Perguntou Ró.

– Eu vou pensar, não confio em PM. - Falou Ruli.

– Mas tu tens de dar essa resposta logo de manhã, pois temos informações quentes, que os chefes da muamba estarão reunidos amanhã no depósito onde está a droga, e eles nem sonham que a bocada vazou. - Falou o Ró.

– Tudo bem, amanhã eu te falo. - Responde o Ruli.

No outro dia cedo o Ró e os dois PM, Pureza e Bacana, estavam batendo na porta do apartamento do Ruli.



– E aí, Ruli, vamos nessa? - Perguntou o Ró.

– Não, cara, não vai dar para eu ir, ontem o Durans me ligou e pediu que eu cobrisse o plantão dele e eu aceitei. Fica para uma outra vez. - Falou o Ruli.

– Tá legal, cara, sem onda. - Saiu muito contrariado o Ró.

Os três partem e Ruli volta para o quarto, por algum motivo que não sabia explicar, não havia aceitado ir naquela ação com o seu parceiro, preferindo tirar o plantão de um colega a arriscar ganhar uma grande bolada.

A noite chega, o plantão estava correndo todo normal, até quando uma ordem de serviço chega solicitando uma equipe especial para tentar localizar e prender os seguinte policiais: Alfaia (escrivão de polícia), Ró (investigador) e mais dois PM (Pureza e Bacana), todos acusados de assassinato de um motorista da coca-cola.

Ruli fala consigo - “meu Deus! pintou sujeira”. Pede ao delegado de plantão para ficar fora da equipe, pois ambos são seus amigos, o que é aceito.

Ao se aproximarem as 22h, Ruli, com a desculpa de ir lanchar, sai da DVG, vai até a casa onde o Ró morava e lá fala com sua mãe e esta lhe informa que seu filho chegou muito nervoso em casa, arrumou uma valise com roupas, abraçou-a bem forte, dizendo que depois daria notícias, e que ela não se preocupasse, pois estava tudo bem, e saiu.

Ruli então o procurou na casa dos primos e lá o encontrou. E foi logo questionando o amigo.

– Ei, cara! Que onda braba foi essa em que tu te meteste?

– Nem te conto, Ruli, nem te conto. - Respondeu Ró.

– Porra, cara, toda a corporação tá no teu encalço. - Falou Ruli.



– Eu sei, o Paturi passou lá por casa, mas eu já tinha pinado, eles não estão se empenhando em me encontrar, porque senão eu já estava preso. Sabe como é são colegas e estão me dando um tempo para fugir.

– Mas o que foi que tu fez?

– Dancei de gaiato maninho, dancei.

– Eu vou te contar. Quando nós saímos de tua casa, fomos logo procurar um outro colega que tivesse carro para poder fazer a onda, então pensei no Alfaia. Porra! disse eu, o Ruli afrouxou, mas não tem onda não, nós vamos nessa. Quando dei o serviço ao Alfaia, ele logo topou. Então saímos direto para Ananindeua. O depósito onde estava escondida a muamba era no bairro da Guanabara. Chagamos lá, o Pureza já havia arranjado um barraco lá próximo, de onde a gente podia ficar de campana e ver todo o movimento do local. Deixamos o carro um pouco distante do barraco e um por um, foi chegando e se alojando, sem gerar suspeito no pessoal do pedaço, às 11h chegaram no pedaço dois opalões, de quatro portas; cheios de figurões, entre eles o Ricardo Malcher, dono de um grande rede de restaurantes e hotéis de Belém, quando eu o reconheci disse só comigo, a onda vai ser da boa.



Eles eram oito pessoas, quatro seguranças, dois deles motoristas, e mais os quatro figurões, um era o Ricardo e os outros três eu não conhecia, fiquei sabendo depois que eram dois irmão Osvaldo e Ribamar, donos de uma transportadora e o quarto um colombiano. Saímos da campana e rodeamos o galpão, entramos sem ser percebidos pelos fundo do depósito. O caminho foi facilitado por um informante que trabalhava com estivador da transportadora, e que, por um acidente de trabalho, descobriu tudo. Contou que estava descarregando uma carreta de café, quando um saco de 60 kg escapuliu da mão do batedor, com a queda se partiu no chão, expondo os outros volumes que estavam dentro dele, aos seguranças Paralisaram todo o trabalho evacuaram o depósito e só voltaram a trabalhar no outro dia. Daí em diante o informante passou a observar tudo naquele depósito. Notou que de semana em semana, chagavam uma cargas especiais, esta carga só era descarregada a noite e tinham pessoas escolhidas para fazer o descarrego. Como também sua estocagem era em lugar especial que poucas pessoas podiam passar. Esses carregamentos tinham a rotina de sempre deixarem o depósito pela parte da noite, com destino a fazendas localizadas lá para as bandas de Abaetetuba, de lá embarcavam em pequenos aviões não se sabe para onde. Ao entramos no galpão, cuidamos de ver a posição dos seguranças que guardavam a entrada. A estrutura tinha uns cem metros de comprimento por uns trinta de largura, havia muita mercadorias estocadas, o ambiente dava-nos tudo o que precisávamos para abordarmos os caras sem sermos percebidos, principalmente, porque tínhamos ao nosso favor o fator surpresa.



Aproveitamos bem esta vantagem, rendemos de dois em dois os seguranças, sem sermos notados, arrombamos a porta do escritório onde os quatro estavam reunidos e prendemos todo mundo. Nem puderam questionar o porquê da prisão, pois parte da muamba estava exposta sobre a mesa de negociação dos traficantes, desarmamos os quatro, e aí foi um passeio, cara. Cada um de nós ganhou para libertar os traficantes em dinheiro vivo e a cores quinhentos mil barões. Este dinheiro era o que estava dentro do carro do Ricardo Malcher, que iria comprar o bagulho do traficante colombiano, de nome Lorenço. Eles negociaram entre eles, o nosso pedido inicial foi de um milhão para cada um. Mas eles não tinham todo o dinheiro na hora e por medida de segurança, acabou tudo morrendo pela grana que estava na maleta do Ricardo. Deixamos todos presos dentro de uma sala, pegamos nosso carro, seus revólveres e mais uns dois pacotes contendo uns cinco quilos de cocaína e foi só uma festa.

— E daí cara! Qual foi a bronca, então? Onde entra o motorista da coca-cola nessa história? Falou Ruli atento ao relato do amigo.

— Com referência aos traficantes nada, a bronca que está pegando é outra. É consequência de uma grande farra. Falou Ró.

— Então qual é? Perguntou Ruli.

Continuou o seu relato o Ró:

— Saímos pelas ruas a beber, vendemos os dez quilos de coca ao Zé Bubu, repartimos a grana e a farra continuou. Já estávamos completamente embriagados quando o Pureza e Bacana sentiram fome, e nos convidaram para ir até a Estrada Nova no Jurunas, em um bar de uma velha conhecida do Pureza, para comer peixe frito e jogar bilhar. Chegando lá, tudo ia bem até quando, um motorista da coca-cola, entrou no bar para abastecer o comércio. O Pureza viu o cara, e enfurecido falou: “Olha vagabundo, onde eu bebo, filho da puta não entra, portanto, dá no pé daqui”.



O Motorista de nome Nicanor, sem dar bola para o Pureza falou: “Olha Pureza, só porque tu és policial não te dá o direito de humilhar ninguém, principalmente a mim que estou trabalhando. Noêmia! É o de sempre.

– “É sim!” – Falou a dona do bar.

– “Caralho! Eu já disse que tu não vai vender nada aqui, porra!

– “Porra, Pureza! Deixa disso, o cara só vai abastecer o bar e vai embora”. Falou Noêmia. Nesse momento o motorista vira de costa para nós e fica conversando com a Noêmia. O Pureza pega no taco de bilhar e avança para cima do motora. Os dois carregadores do carro alertam ao motorista, que consegue se defendem, mas mesmo assim o Pureza ainda acerta o rapaz, quebrando o taco em seu ombro. Os dois começam uma brigar no bar, o Pureza está muito embriagado e começa a levar porrada do motorista, foi ai então, que nós nos metemos e quebramos o cara todo de porrada. Os amigos deles ainda tentaram se meter, mas o Alfai puxou o pau de fogo e botou os dois para correr. Com o cara desmaiado no chão resolvemos fazer o trabalho completo, se não estaríamos todos bronqueados no outro dia na corregedoria. Colocamos alguns pacote do produto na calça dele, algemamos o cara, eu chamei um táxi (este era um do tipo fusca sem o assento da frente) jogamos o cara no fundo do carro e pedi que o motora levasse para a delegacia do Jurunas. No veículo, só ia eu e o Pureza, os outros dois ficaram nos esperando no bar, quando o



motorista ia dobrando na rua Conceição, o motorista da coca-cola, começou a acordar, ai foi foda! O Pureza pegou o revólver, apontou na cara do sujeito e disse: - “Filho de uma puta, isso é para ti aprender a nunca mais comer a mulher de um tira, seu safado”. Apertou o gatilho do revólver e acertou o olho do cara, que ficou se estrebuchando no carro, o motorista do táxi, apavorado, parou o carro, abriu a porta e correu. Eu olhei para o filho da puta do Pureza e disse: - “Corno! olha a cagada em que tu nos colocaste. Sai do carro e fugi. Quando cheguei na Av. Roberto Camelier, peguei um outro carro e ainda fui avisar aos outros dois. E ai, mano velho, a cagada está feita. Este dinheiro que eu ganhei não vai dar para pagar o advogado, pois já entrei em contato com o Dr. Osvaldo Serrado, ele me pediu de cara cem mil babilaca só para acompanhar o processo. Eu tô fú!

– Exclamou o Ró.

– É, bicho! Então te manda, que tu ta fú, mesmo. - Falou Ruli.

– Mas meu amigo, antes deu partir me diz uma coisa, porque tu não quiseste entra nessa? Pergunta o Ró.

– Sabe, Ró, eu sempre te disse que quando algo estranho vai acontecer, alguma coisa me alerta mas você e a turma sempre zonaram comigo, não é verdade? - Falou o Ruli.

– É mesmo. - Respondeu o Ró.

– Pois é, quando eu deparei com o Pureza entrando na DVG, meu corpo se arrepiou todo e eu não poderia falar aquilo, se não vocês iam dizer, qualé boneca tá sentindo frenezir pelo macho.



O motorista foi levado para o pronto socorro com vida, conseguiu sobreviver, mas ficou cego, os policiais foram todos condenados pela justiça, os militares cumpriram penas de 20 anos, para o Pureza, 8 anos para o Bacana, os policiais civis de 8 anos para o Alfaia, 17 anos, e o Rófoi o único que não cumpriu a pena, pois ficou foragido durante 20 anos até a prescrição de sua pena. A polícia toda sabia onde ele estava mas nunca o quiseram prender.

MAIS UMA PREMONIÇÃO

Passaram-se vários meses do ocorrido e Ruli, nesse meio tempo, conseguiu desbaratar uma quadrilha de ladrões de carretas, também prendeu um grupo de arrombadores de casas de luxo em Mosqueiro. Passou a gozar de grande prestígio entre a classe política, estava cotado para ser uns dos seguranças do futuro Governador do Estado. Porém, uma nova sensação estranha com ele volta a acontecer. Tudo começou assim:

Era domingo, Ruli acorda e sente um frio intenso por todo o corpo, em um mês bastante quente como o de julho no extremo norte do Brasil, o sol desde às cinco da manhã já se fazia presente na capital paraense. Um estranho pressentimento lhe invade a alma, uma sensação de angústia deprimente lhe avassala o peito. Ele vive pela primeira vez em sua vida um estado de depressão, uma vontade louca de sumir e não mais existir. Isso era um acontecimento novo em sua vida e não fazia sentido algum, haja vista que ele estava no auge de sua carreira, um tira bem sucedido e respeitado. Tinha uma grande quantidade de amantes, mas devido à atividade de grande risco no dia-a-dia de sua profissão, não quis constituir família, morava só em uma quitinete no centro da cidade, e essa coisa estranha de solidão toma proporções incalculáveis com esse novo sentimento que começava a experimentar.



Não estava gostando da sensação que sentia, procurou logo se levantar da cama, acendeu um cigarro e, preocupado, foi até a janela do apartamento. Estava plenamente reflexivo e deixou-se banhar pelos raios solares do Equador. Ao longe, avista as embarcações que trafegam pela Baía do Guajará, mil lembrançasvinham à sua mente, há uma ligeira retrospectiva de sua vida, desde sua infância quando com amigos ia até a rampa localizada na Estrada Nova - hoje Av. Bernardo Sayão - tomar banho, a inocência vivida da adolescência, os namoros gostosos na praça Batista Campos, todas estas lembranças foram agindo em seu ser e de repente, aquele homem durão, embrutecido pelo labor da sobrevivência de um mundo mesquinho, uma lágrima rola em seu rosto, sente um estúpida saudade da família que a muito não vê. Acha esta situação esquisita, não entende o porquê de tudo isso, vai ao banheiro tomar um longo banho na esperança que a vida volte ao normal.

Durante algum dias, sentiu esta estranha sensação. No final de semana resolveu fazer uma visita aos parentes. Ao chegar na casa dos pais foi muito bem recebido com abraços festivos deseus parentes e logo tudo se tornou uma festa, foi comprar caranguejo e cervejas para o almoço, telefonou para os irmãos, chamou alguns vizinhos pagodeiro, então beberam e brincaram como nos velhos tempos de sua juventude. Depois já bastante bebido, pediu desculpas aos pais por sua ausência e por sempre ter sido um filho problemático. Os pais o abençoaram, acharam aquela atitude bastante estranha, porque não era de seu caráter o hábito de pedir desculpa a ninguém. Logo depois abraça a todos como se fosse fazer uma longa viagem.



No outro dia na DVG (Divisão de Vigilância Geral), um vendedor de seguros aparece por lá, oferecendo planos para os policiais, Ruli instintivamente faz um para si. Alguns amigos próximos fizeram chacota da atitude do Ruli, falando assim:

- Aí! Ruli, tá querendo deixar o Ricardão numa boa.
- Sai pra lá, urubu! Responde Ruli.

Durante a semana o movimento foi fraco na DVG, os policiais passavam o dia jogando carteadado, até que de repente o alarme toca, era um chamado do Banco do Brasil localizado no bairro de São Braz. O local estava sendo assaltado e os policiais de plantão são chamados para se dirigirem até lá, deveriam dar apoio a uma guarnição da polícia militar que estava cercado os bandidos. Ruli, Durans, Lopes e Bigode seguem em uma viatura em alta velocidade. Chegando lá, os bandidos, em número de oito, estão tentando escapar e trocam tiros com os policiais militares. A equipe de policiais civis chega sobre o fogo cruzado, os policiais usam revólveres calibre 38, os bandidos estão bem melhor equipados, usam pistolas automáticas de repetição e de grosso calibre, escopetas e até um fuzil AR-15. Ruli olha o ambiente e vê um policial militar baleado e outro morto. Com a chegada dos policiais civis, a probabilidade de fugas dos assaltantes diminui e eles ficam acucados entre os dois grupos que trocam tiros. Neste instante dar-se o elemento surpresa dos bandidos. Do outro lado da agência bancária, surge como se do nada um novo bandido, que no jargão policial é chamado de anjo. Ele apanha a equipe de policiais civis totalmente desprevenida.



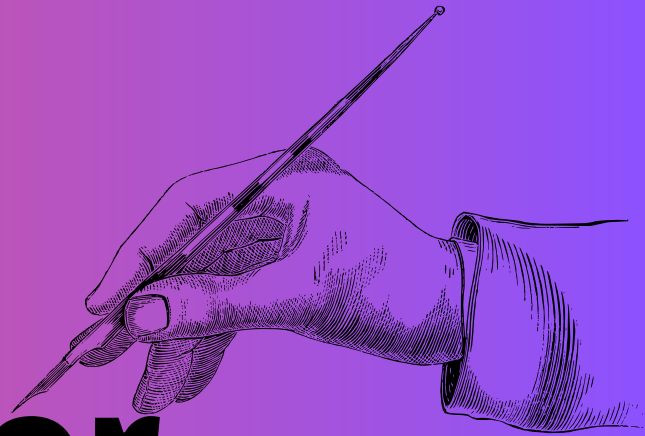
Armado até os dentes com uma metralhadora Ina, dispara várias rajadas de tiros e apanha pelas costas os policiais civis Lopes é atingido e cai morto, Ruli também é atingido pelas costas e cai agonizando com duas perfurações. Os policiais ficam desmoralizados, os bandidos entram em um carro e empreendem uma fuga espetacular. Policiais militares seguem em perseguição aos bandidos, Ruli é socorrido e levado para o Pronto Socorro Municipal de Belém. O hospital está em péssimas condições. Os médicos tentam de tudo para salvar a vida do policial na sala de cirurgia, mas a situação dele é muito crítica, uma das balas atingira a oitava vértebra da coluna e a outra perfurara seu fígado e seu intestino, indo se alojar no seu pulmão. Foram doze horas de cirurgia, os médicos fizeram de tudo para salvar a vida de Ruli, mas ele preferiu virar manchete de jornal.



O POLICIAL RULI, NÃO RESISTE AOS FERIMENTOS E MORRE.

Fim.

O
Autor



Rui do Carmo





Rui do Carmo – poeta e escritor com várias obras publicadas, é Administrador de Empresas, pós-graduado pela FGV-Fundação Getúlio Vargas – RJ. Como profissional de administração concorreu ao prêmio Belmiro Siqueira e teve o Trabalho Técnica em Cobrança, classificado entre os três melhores do Brasil, obras literárias, “Aruans” (conto) classificado no Prêmio “Dalcídio Jurandir”, “O Canto do Curumim” aprovado na lei SEMEAR, “Anjo Marajoara (livro de poesia), “Versos Pobres, Versos Pretos” (livro de poesia), “Lurdinha” (Romance) aprovado na lei To Teixeira e Guilherme Paraense, “Trincheiras” (livro de poesia), “Contos de um Guajarino” (contos) aprovado na lei To Teixeira e Guilherme Paraense 2012, Menção honrosa no VI concurso e Internacional de poesias “ Poeta Nuno Álvaro Pereira”, com as obras “Predestinado”, “ Este Povo é Feliz” e “Gatuna”. Trovas com menção honrosa na VII Pérgula Literária.



Asabeça, Título de Honra ao Mérito concedido pelo clube dos poetas do Amapá, ao escritor Rui do Carmo, por relevantes serviços prestados a literatura amapaense, em 15/02/2007. Membro da comissão coordenadora do stand de livros dos autores paraense, para feira pan-amazônica do livro de 2005, 2006. Precursor do Movimento Literário Extremo Norte, iniciado no Estado do Pará no ano de 2003. Certificado de Grande Benemérito da Cultura Popular e Incentivador das Artes, Rui do Carmo Honorífico Comendador e Amigo. Prêmio Cultural Boto Felizberto. em 16/02/2007. Coordenador Geral do I Extremo Norte – Encontro de Literatura da Amazônia – realizado no Hangar Centro de Convenções e Feiras da Amazônia no período de 04 à 06/10/2007, e fez parte das coordenações do ano de 2008 e 2009. Coordenador de Palestras do II Extremo Norte de 22 a 25/09/2008, Hangar Centro de Convenções e Feiras da Amazônia. Artista convidado a participar como entrevistado da PRODUÇÃO CULTURAL NO BRASIL, no dia 15/04/2010 na cidade de São Paulo, um projeto multimídia de entrevistas com profissionais de relevância no setor cultural.

**EDITORIA
GATO ED**

